Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco nº 102 - Agosto 2014 - Distribuição gratuita - *www.suplementopernambuco.com.br*

PERNAMBUCO

CHICO LUDERMIR E KARINA FREITAS

E, finalmente,

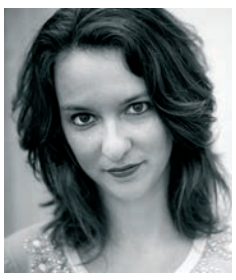
MEU AMOR,

sucumbi.

LANÇADO EM 1964, ANO DO GOLPE MILITAR, *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*, DE CLARICE LISPECTOR, CONTINUA COMO UM DOS GRANDES ENIGMAS DA LITERATURA BRASILEIRA

PERFIL DA POETA PORTUGUESA MATILDE CAMPILHO | ENTREVISTA COM PAULO SCOTT

COLABORADORES



Carol Almeida, jornalista e colaboradora de várias publicações de cultura. Escreve no blog *foradequadro.com*

Julya Vasconcelos, jornalista e mestranda em artes visuais pela UFPE

Maria Valéria Rezende, educadora e autora, entre outros, de *O voo da Guará vermelha* e *Quarenta dias*

E MAIS

Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, autor, entre outros, de *As visitas que hoje estamos*. **Chico Ludermir**, jornalista e fotógrafo, participou do último *Spa das Artes* com a exposição *Entre*. **Matilde Campilho**, escritora portuguesa, autora de *Jóquei*. **Ricardo Viel**, jornalista. **Sidney Rocha**, autor de *O destino das metáforas*. **Yasmin Taketani**, jornalista.

CARTA DO EDITOR

Há muitas razões para nos debruçarmos outra vez em *A paixão segundo GH*, nesses 50 anos de lançamento do livro. Talvez a mais importante seja repensarmos a posição da escrita de Clarice, afinal, muitas vezes a sua aura hipnótica – a mulher de fala estranha, estrangeira, uma esfinge com a cara de Marlene Dietrich – acaba engolindo tudo o que se fala a seu respeito. Falamos muito de Clarice como um todo, como se a pessoa e a obra fossem uma coisa só, e esquecemos muitas vezes de nos fixarmos na literatura por si só. *A paixão segundo GH* é um dos romances mais impactantes da literatura brasileira, junto com *Dom Casmurro* e *Grande sertão: veredas*, que precisa ser repensado. É um livro que engole o leitor, lançado poucos meses após o Golpe Militar, sendo completamente ignorado pela crítica da época. O susto da história daquela mulher encarcerada num quarto com uma barata cresceu nos leitores brasileiros em igual medida que a sombria situação política começou a ser compreendida. Só fomos compreender melhor *A paixão* durante os anos seguintes; o mesmo ocorreu com o Golpe.

Para marcar a efeméride, nossa matéria de capa traz uma larga pesquisa das várias facetas que permeiam a obra, procurando fatos, personagens, em resumo: tentando levar para o leitor os muitos sintomas dessa paixão.

Ainda nesta edição, um perfil bastante curioso de um dos nomes mais importantes da atual literatura brasileira, Elvira Vigna, que lança agora seu novo romance, *Por escrito*. O texto foi produzido pela jornalista Carol Almeida. "A literatura de Elvira Vigna não está em lugar nenhum, porque está em todos. Não tem uma só identidade, porque veste várias. Uma literatura de pessoas que repentinamente aparecem ao seu lado quando, na verdade, sempre estiveram ali. Algo um tanto hegeliano de afirmar somente na negação da negação. Transitória e transeunte, como tantas outras ela se encontra nos diversos caminhos de (re)significação entre livro e leitor. Mas, como poucas, enxerga nesses infinitos percursos o *leitmotiv* de sua verdade. Do nosso processo nunca constante e nunca linear de percepção do mundo, a escritora faz uma literatura igualmente inclinada a ter sinapses interrompidas", revela um trecho do artigo.

Boa leitura e até setembro.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
Governador
João Soares Lyra Neto

Secretário da Casa Civil
Luciano Vásquez Mendez

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente interino
Bráulio Meneses
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas), Fernando Athayde, Laís Araújo e Priscilla Campos (estagiários)

ARTE
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Sebastião Corrêa e Zenival (tratamento de imagem)

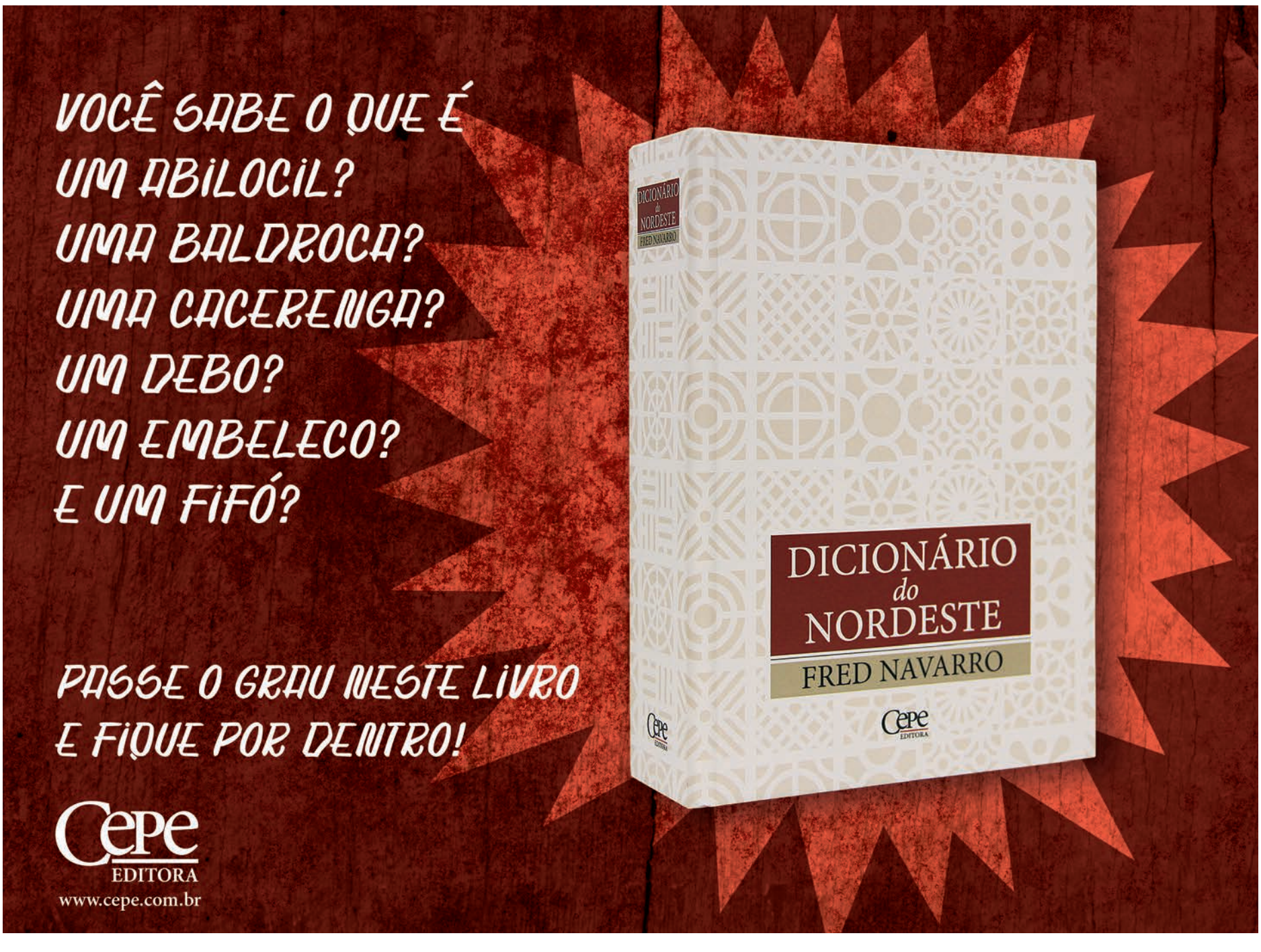
PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

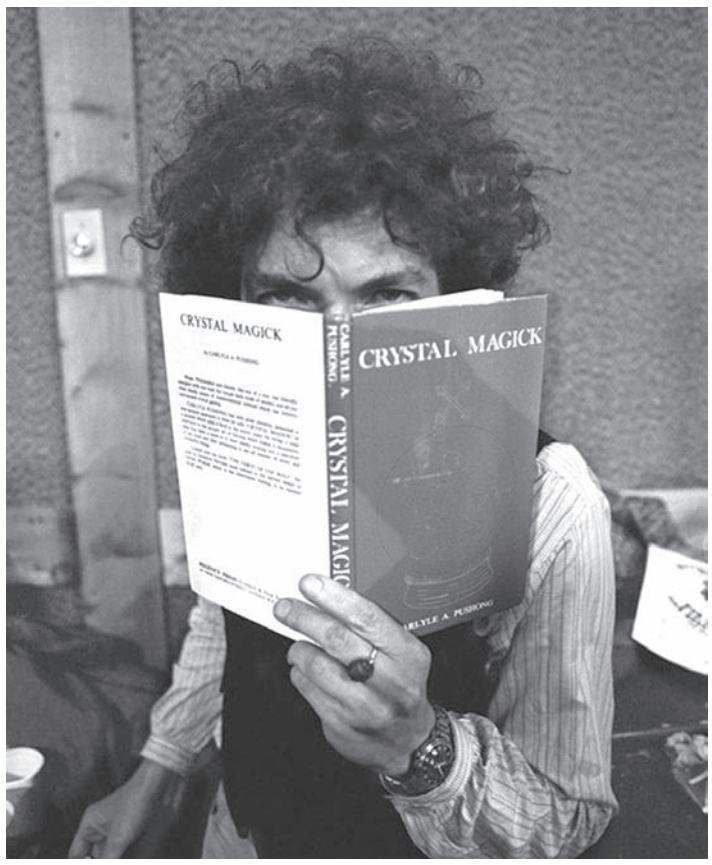


BASTIDORES

Há 10 dias uma conhecida ligou no meio da noite

A partir de um telefonema, que a levou a trafegar por círculos de uma cidade que mal imaginava poder existir, escritora criou a trama do seu mais recente romance

Bob Dylan,
cantor e compositor norte-americano



JANIO SANTOS

Maria Valéria Rezende

Cá estou, os olhos passeando do computador à janela, daí para o teto branco, perguntando-me: de onde nascem os romances, contos, poemas? Muitas respostas já tentadas, nenhuma suficiente, creio, nem mesmo para uma única obra de um único autor. Aí pode estar a graça da literatura: porque sua origem é incerta, até espúria, talvez, não há interpretação dada e o leitor tem de reinventá-la a partir de sua também semioculta visão de si, do outro, da vida.

Como surgiu meu último romance, *Quarenta dias*? Tento responder, quando me perguntam, ou releio algumas páginas e comentários de outros leitores. Posso identificar e revelar algumas fontes do que está escrito em suas linhas, mas o que vaza nas entrelinhas continua inexplicado: de onde saiu isto? Certamente insinua-se no texto emergindo do amálgama de experiências, sensações, leituras, camadas geoarqueológicas que compõem a memória de quem viveu o bastante.

Há cerca de dez anos, uma conhecida telefonou no meio da noite: "Estou no 'Trauma', Biu sofreu acidente de moto". Fui para lá e descobri que o hospital não previa parentes esperando ali notícias de seus feridos. Nem cadeiras no saguão, nem espaço coberto onde ficar. Voltassem depois, esperassem em casa notícia de morte ou alta. As mulheres, porém, mães, irmãs, namoradas ficavam, ao relento, sentadas na borda da calçada externa do prédio ou de canteiros do jardim em torno do pouso de helicópteros. Descalças, vestidas apenas com um short e um bustiê, com frio, fome e sede, sem dinheiro nem mais nada, como em casa estavam e se meteram na viatura policial com o filho, o marido baleado, esfaqueado. Passei a noite tentando alimentá-las, agasalhar, consolar, telefonar, se possível, a um parente. De manhã, Biu teve alta, só escoriações, mas eu fiquei lá, sem coragem de deixar as outras. Só entreguei os pontos 40 horas depois, ao receber do caixa eletrônico "saldo insuficiente", acabada a gasolina. Percorri com essas mulheres a Grande João Pessoa, a levá-las a casa e trazer de volta ao "Trauma", avisar um filho, marido, pai, irmão. Nessa romaria descobri na cidade frestas e rachaduras nunca antes notadas, um bequinho numa rua movimentada, a picada para a favela escondida onde eu antes só via mato ou mangue, portas rempenadas de casarões em ruínas etc. Cada fresta dava em outro mundo, o avesso da cidade, o que ela quer esconder e a gente quer esquecer. Voltei para casa porque não podia mais ajudar, sentindo como um remorso: seria justo continuar ali por quarenta dias, meses, anos. Ficou um sentimento de responsabilidade para com esses invisíveis e a ideia da personagem caída do lado "direito" da cidade no seu avesso, 40 dias, uma quaresma, a desvendar o que qualquer cidade grande esconde, logo ali. A ideia inquietava. Em 2011 convidaram-me para um projeto no qual romancistas brasileiros passariam 15 dias em um estado que não o seu, criariam romances a compor uma suposta "redescoberta do Brasil". Propuseram-me Porto Alegre. Aceitei logo, sabendo que romance queria escrever: os quarenta dias. Reconhecendo-me incapaz de escrever um livro decente em poucos meses, não esperei pelo financiamento do projeto, usei milhas de viagens acumuladas, fui a Porto Alegre, minhas irmãs de lá me abrigaram, percorri duas semanas o avesso da cidade, usando como senha uma pergunta que depois emprestei a Alice, minha personagem/narradora: "conhece um rapaz da Paraíba, o Cícero Araújo, peão de obra, que não deu mais notícias à mãe, desesperada pelo sumiço do filho?". O motivo da mudança da personagem paraibana para o Sul veio do que observo e ouço de tantas mulheres de minha geração: foram para o mercado de trabalho sem dispensa das tarefas domésticas, criaram os filhos sozinhas, adiaram projetos e sonhos pessoais e, chegada a aposentadoria, desejando tentar ainda realizá-los, são convocadas a ser avós profissionais. A pergunta/senha para vagar impunemente pela cidade veio dos inúmeros casos de gente desaparecida com que me deparo pela vida afora. O resto gosto de crer que é invenção... O próprio modo de composição do texto, depois de voltar do Sul, em episódios esparsos escritos em cadernos, cadernetas, e-mails para mim própria, fragmentos de leituras e pedaços de coisas catadas nessas andanças, gerou a estrutura do romance: um caderno de desabafo, composto de retalhos de escrita tortuosa e descuidada, em que a personagem tenta explicar-se o que lhe acontece. O projeto que me empurrou para o Sul não foi adiante, mas o romance está aí.

O LIVRO

Quarenta dias
Editora Alfaguara
Páginas 248
Preço R$ 37,90

PERFIL

Esses “lugares nenhuns”, incluindo aqui

Um encontro, no meio da tarde, no qualquer-lugar que é um café com Elvira Vigna

Carol Almeida

COMPOSIÇÃO DE QUADROS DE EDWARD HOPPER

A literatura de Elvira Vigna não está em lugar nenhum, porque está em todos. Não tem uma só identidade, porque veste várias. Uma literatura de pessoas que repentinamente aparecem ao seu lado quando, na verdade, sempre estiveram ali. Algo um tanto hegeliano de afirmar somente na negação da negação. Transitória e transeunte, como tantas outras ela se encontra nos diversos caminhos de (re) significação entre livro e leitor. Mas, como poucas, enxerga nesses infinitos percursos o *leitmotiv* de sua verdade. Do nosso processo nunca constante e nunca linear de percepção do mundo, a escritora faz uma literatura igualmente inclinada a ter sinapses interrompidas. É no vaivém e no entrelugar de mulheres e homens excepcionalmente comuns – e há um humor quase britânico de tão mordaz nessa aproximação com o “comum” – onde catamos e moldamos sua escrita.

Não é estranho, então, que alguns dos cenários mais recorrentes em seu novo livro, *Por escrito* (Companhia das Letras), sejam hotéis e aeroportos. “Esses lugares nenhuns, incluindo aqui”, ela escreve. Também não é estranho que Elvira tenha chegado ao café onde marcamos de nos encontrar alguns minutos antes do horário combinado, e não alguns minutos depois, como é de bom tom para quem mora em São Paulo. “Eu sou uma pessoa que posso ficar parada em um lugar sem fazer absolutamente nada horas a fio. Meu lugar é esse, contra uma parede, olhando o nada. Ou seja, não é bem um lugar, porque pode ser qualquer um”, ela diz.

Imigrante em si mesma a observar os muitos outros imigrantes que andam pela capital paulista, onde ela, carioca, mora há sete anos, Elvira Vigna apresenta agora mais uma obra aberta. Assim como dois outros trabalhos, *Deixei ele lá e vim* e *Coisas que os homens não entendem*, *Por escrito* traz aos poucos a ideia de que um crime (terá sido um crime?) está ali como a linha solta de um novelo de personagens. Também a exemplo de romances anteriores, a primeira pessoa a lembrar desse episódio em uma narrativa fragmentada é ela própria um estilhaço de identidades. Seu nome só aparece na página 17 do livro, costurado de incertezas: “Já fui Izildinha”, mas “você tem toda a licença para continuar a pensar em mim como Valderez”.

Desenhar os personagens de *Por escrito* é, tal como acontece em outros livros da escritora, uma tarefa que exige bem menos contornos e muito mais texturas. E é esse o primeiro assunto da nossa conversa. Pergunto se ela não se incomoda com o fato de que as orelhas de seus livros costumam tentar criar um tipo de sinopse – o que, onde, quando – para narrativas intencionalmente disruptivas como as suas.

“Acho complicado. Por exemplo, *Por escrito*, para mim, é um livro sobre hesitação, espaço vazio, erros, dúvidas e, ao mesmo tempo, existe no enredo a presença de um possível crime. Se eu tiver que te dizer, em poucas palavras, como na orelha de um livro, o que ele é, eu teria essa dificuldade básica. É claro que cada um tem o direito de ter sua leitura, mas pra mim o livro é sobre esse vazio e isso talvez não caiba numa sinopse. Em geral as orelhas buscam a trama, e não as intenções da trama. Não tenho muita certeza sobre as coisas que acontecem nesse livro. E essa falta de certeza eu deixo transparecer, há um convite para que as pessoas façam o seu final”, esclarece.

Essa ideia da construção colaborativa do livro é tema central naquilo que Elvira entende como sendo um dos papéis mais importantes da literatura (e da arte contemporânea): “Essa coisa do autor (ser dono de sua obra) é uma arrogância. Na minha opinião, essa questão é nuclear para a discussão do que é literatura. É o debate de qual é o seu papel como proponente daquilo. Digo proponente porque não, você não é dono de porra nenhuma.”

Mas ainda que ela nos ofereça usucapião dos desígnios de seus personagens, a escritora sempre deixou claro que eles representam sim parte de sua vida vivida, e não exclusivamente da vida imaginada. Em *Por escrito* não é diferente. Existem fatos e pessoas próximas a Elvira, repensadas para a literatura, mas sempre extraídas de uma de suas "malas" onde separa e guarda memórias.

"Essas malas ficam mais ou menos... não direi dormentes porque essas experiências, como te disse, nunca acabam. Mas ficam lá, elas não têm uma urgência. Aí algo acontece e faz com que elas fiquem urgentes. No *Por escrito*, por exemplo, há uma série de experiências de uma determinada idade minha, menina, que estava lá desde sempre. Também, há relativamente pouco tempo, aconteceu d'eu participar de uma experiência de vida de um amigo meu gay que quase casa com uma bailarina russa *[ambos personagens estão no livro]*. A figura dessa bailarina me fez lembrar de uma experiência guardada nessa mala específica." O ato de abrir qualquer uma dessas malas, segundo ela, faz a escrita ficar urgente.

Essa emergência é então seguida de um processo de afastamento da escritora de sua zona de conforto. "Saio do ambiente conhecido e vou pra outro lugar. Em geral, desconfortável. É importante que seja desconfortável, porque escrever é muito duro. Se você vai pra um lugar bonito ou agradável, que tenha uma Starbucks do lado você não escreve. Então vou sempre para algum lugar desconhecido que tenha a ver, na minha cabeça, com o cenário do livro, e fico lá escrevendo dia e noite, obsessivamente, até conseguir algo que eu considere viável. Em geral me engano quanto a isso. Quando releio acho que não está legal, mas aí já há uma malha que segura a história e eu consigo fazer essa nova escrita sem precisar me isolar. Exemplo, a primeira versão de *Por escrito* foi feita num hotelzinho aqui

O novo livro da escritora fala de pessoas perdidas, em trânsito ou em instâncias topográficas que não são a sua

na Vila Mariana e o meu quarto era do tamanho de uma cama de casal onde havia uma cama de solteiro e uma mesinha. Foi esse o lugar em que fiquei trancada."

IZILDINHA É NÓS

Memória maior da última mala aberta por Elvira, a já citada Izildinha, nome que já esteve em um dos contos da escritora, é testemunha dessa relação de dentro e de perto que ela estabelece com suas histórias. Porém, sua aparente fragilidade e vocação para se machucar fez dela uma terceira pessoa no livro. A escritora explica, no vídeo de apresentação da Companhia das Letras, que não seria capaz, ainda, de colocar tamanha vulnerabilidade na voz da narradora. Em nossa conversa, ela diz: "Nunca pude escrever desse lugar. Não sei se algum dia serei capaz de fazer isso. Quando vou escrever sobre esse conjunto de experiências que podemos chamar das experiências de Izildinha, não consigo colocá-las em primeira pessoa."

Pergunto então se o ato de escrever, em si, já não é um exercício de assumir essas fragilidades. "No meu caso, sim. Não acredito que se possa dizer isso de todo mundo. Mas para mim, o escrever tem essa função bem clara que é de falar de experiências em geral que vivi, ou que vivi por tabela, e que por qualquer trauma você não consegue explicar logicamente. Então você é condenado a reviver. Ao escrever, eu convido as pessoas a colaborarem nesse processo de significação. Os meus livros são sim muito expostos e próximos. Tenho orgulho disso. Acho que se você for pensar em arte, qualquer uma delas e não somente a literatura, elas são pensadas dessa forma, como um convite de coautoria. E não é que, ao saber disso eu decida ser assim, é porque eu realmente sou assim."

Portanto, como diria Caetano, Izildinha que eu/Elvira fala é nós. A priori, ela é apenas uma mulher traída. Mas aqui as primeiras impressões nunca são as que ficam. Há nela uma natureza de rocha travestida em porcelana que se encontra na bailarina russa, na mãe da narradora e na própria narradora. Questiono se há mesmo uma estranha cumplicidade entre Valderez e Izildinha, no que ela afirma que não apenas isso, mas também uma relação sólida, margeando afetividade, entre ambas. São elas, e não ele, os vértices de um possível triângulo amoroso que guia a narradora. "Diria que é quase uma relação lésbica", sustenta.

Sobre o assentamento do gênero feminino em seu trabalho, a pontuar que praticamente todos os seus textos partem de uma primeira pessoa feminina, a escritora assegura que não se trata, de forma alguma, de uma opção estilística. São decisões exclusivamente políticas: "Tem a ver comigo de saco cheíssimo de só encontrar narradores masculinos na vasta maioria dos textos literários", explica. E acrescenta: "Para você avaliar a amplidão do alijamento, essa é uma pergunta que um escritor homem não precisa responder. Por que ele não tem narradoras femininas? O narrador masculino é considerado o 'normal'".

Esse debate do lugar de fala dos gêneros tem presença forte na sua literatura. Em *Por escrito*, ele se apresenta de várias formas e uma delas vem carregada de ironia. Quando o amante de Valderez lhe é apresentado, ele usa uma camisa onde se lê "Sexo não tem gênero" e imediatamente se cria uma empatia por um sujeito disposto a vestir essa ideia. Mas isso logo se prova equivocado, como explica a narradora: "A camiseta nem é sua. Derrubaram vinho, daquele de garrafa de plástico que ambulante vende. Ou foi vômito e você falou que foi vinho. O caso é que você arranja outra camiseta, essa. Aquela." Para a escritora, as marcações deixam claro: "Esse homem branco, de classe média, jovem e heterossexual não vestiria essa camisa."

VERDADES E MENTIRAS

Não apenas interessada, como fundamentalmente movida pelo contato com seus leitores, Elvira acredita que o mercado literário, não apenas no Brasil, é muitas vezes mobilizado por uma soberba que com frequência ignora essa construção do leitor e se preserva em um parnasianismo descartável. "Existem vários tipos de literatura. Inclusive tem a literatura... estou aqui gaguejando para não ser antipática, mas acho que vou ser sim: existe uma literatura de vaidades. Em que você cata um formalismo, frases bonitas, de efeito, coisas que você vai repetir em um coquetel e vão te achar fodão, genial. Para essa literatura não é preciso desconforto. A minha precisa."

Tal como Diego Velázquez, o pintor espanhol barroco a quem ela atribui uma influência constante em sua escrita, Elvira se sustenta tanto na ideia de obra aberta, quanto nesse atrito necessário que a arte precisa ter entre verdades e mentiras, algo aliás amplamente abordado por ela no romance *Às seis em ponto*. É dessa fricção que surge seu desconforto. Velázquez, ela lembra, viveu uma vida de mentiras, simulando um bem-estar burguês no seio da corte real, para transmitir sua verdade, a crítica a essa elite, em seus quadros. Mas a realeza, pobre menina rica, nada entendia. Será Elvira também uma criação fictícia a nos revelar personagens reais que não vemos ao nosso lado? Será que Elvira somos nós? Na dúvida, criamos juntos.

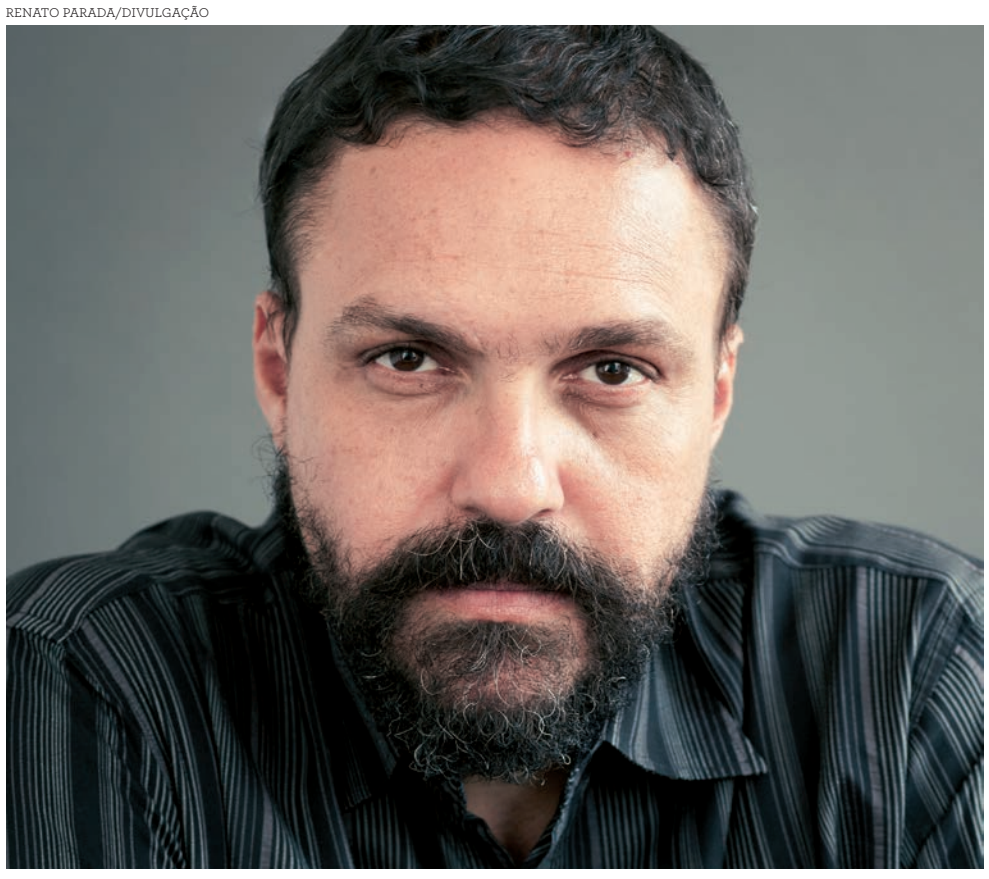
ENTREVISTA
Paulo Scott

A dificuldade em se assumir num só lugar literário

Consagrado como uma das principais revelações do romance brasileiro, escritor gaúcho lança um novo livro de poemas e garante que "não espero nada da poesia"

Entrevista a **Yasmin Taketani**

RENATO PARADA/DIVULGAÇÃO



Qual o lugar da poesia na vida de Paulo Scott? Os poemas de *Mesmo sem dinheiro comprei um esqueite novo* (Companhia das Letras), seu novo livro, soam irônicos quanto ao assunto, quando não cheios de dúvida sobre o "cenário inexato de sempre". Nesta entrevista, o autor rebate: "Não espero nada da poesia".

Gaúcho radicado no Rio de Janeiro, ex-advogado e hoje escritor em "período integral", ele diz, no entanto, que já adoeceu da falta dos versos e afirma não poder passar sem escrevê-los. Treze anos depois de seu primeiro livro, publicado sob o pseudônimo Elrodris, *Mesmo sem dinheiro* acalma a violência e o hermetismo marcantes em *A timidez do monstro* e *Senhor escuridão* (ambos de 2006), e se debruça sobre a solidão: uma voz poética a se estranhar no mundo, sem necessariamente desejar se encaixar nele. Nos cerca de 50 poemas de dicção coloquial e inquieta, os mais antigos escritos já em 2006, ecoam ainda preocupações de *Habitante irreal* (2011), romance que faz um balanço de sua geração desiludida e pelo qual o poeta talvez seja mais conhecido.

"Não pretendo que nenhum deles me represente", diz Scott sobre seus poemas. "Pelo contrário, espero deles a dissonância, o que não seja prolongamento vaidoso da minha integridade, das minhas certezas e igrejas – que existam, e resistam, sem mim". Se Paulo Scott não espera nada da poesia, na conversa a seguir ele mostra o escritor que investe tudo nela.

O poema que abre o livro parece uma longa carta escrita e endereçada a você mesmo. Ela comporta uma mudança no entendimento do mundo, da vida: critica o que hoje vê como mera fumaça do passado, e busca a essência do presente: qual o valor da literatura, o papel do poeta, como ter consciência de si. Poderia comentar as motivações desse poema e responder a uma das preocupações ali desenhadas — qual a melhor forma de sobreviver?

É difícil precisar o quanto desse poema é endereçado pelo narrador ao autor. O que posso dizer, com relativa segurança, é que o narrador do poema é uma série de vozes que assumiram uma determinada ambição cujo *prazo de validade* talvez já tivesse se esgotado. Suponho que nele esteja a sinalização do fim de um ciclo, de uma conveniência, de um conforto específico – nesse sentido o narrador conversa com si mesmo, sendo muitas vozes, muitos olhares, muitas escutas.

O impulso que me levou a escrevê-lo, considerando que o rascunhei lá por meados de 2009 (quando eu já estava morando no Rio de Janeiro há quase um ano), foi parte do processo de escrita do romance *Habitante irreal*, uma consequência das preocupações e reflexões com as quais eu imaginava estar ocupado naquele momento. A intenção de balanço geracional – mesmo não sendo o *leitmotiv* do romance que mencionei – que me atormentava naqueles dias, as dúvidas sobre a possibilidade de cumpri-la ou não, por certo repercutiu nesse poema; é difícil avaliar, principalmente porque ele passou por mudanças, diferentes versões, nos anos que se seguiram.

Arriscaria dizer que o verso "tente não culpar mais ninguém", que encerra o poema, busca uma consequência maior do que a mera representação de um diálogo (possivelmente autodesfigurador) entre narrador e autor, deflagra uma injunção, um modo de sobrevida; mas não é receita.

Você havia anunciado o livro em 2009. Poderia comentar as transformações que ele sofreu nesses cinco anos, e como sua relação com os poemas foi se desenvolvendo?

O livro aguardou quase oito anos para ser

> *A matriz, a poética, não mudou: vou morrer cavando o mesmo buraco no mesmo lugar em que comecei a cavar aos 15 anos*

> *Cada poema tem um destino próprio. Não pretendo que nenhum deles me represente, pelo contrário, espero deles a dissonância*

publicado, nele há poemas escritos em 2006, há poemas de 2011. Cometi muitas alterações sobre o projeto original, inclusive no título (foram três títulos antes de chegar ao *Mesmo sem dinheiro*), penso que consegui ter a tranquilidade para deixar os textos amadurecerem, para saber se eles eram textos que valiam a pena ser publicados da maneira como estão sendo agora.

Minha relação com estes poemas é a mesma que tive com os poemas dos livros *A timidez do monstro* e o *Senhor escuridão*; penso ter mantido a mesma inquietação que é um pouco a marca dos livros anteriores – a matriz, a poética, não mudou: vou morrer cavando o mesmo buraco no mesmo lugar em que comecei a cavar aos quinze anos, na época em que me dei conta que estava fisgado pela dicção da poesia.

E o quanto esses poemas te representam hoje — ou o que eles representam hoje?
Bem, cada poema tem um destino próprio (dependerá muito da maneira como será lido). Não pretendo que nenhum deles me represente, pelo contrário, espero deles a dissonância, o que não seja prolongamento vaidoso da minha integridade, das minhas certezas e igrejas – que existam, e resistam, sem mim.

Na apresentação ao volume, Paulo Henriques Britto afirma que o desafio do poeta brasileiro hoje é "construir sua linguagem a partir de um legado diversificado e acachapante". E João Gilberto Noll, em uma entrevista recente, disse que "o estilo é uma somatização das características de sua época". Qual o diálogo que você busca estabelecer entre uma tradição diversificada, a produção e os tempos atuais e sua própria voz?
Sou as leituras que fiz e sou o olhar sobre a vida que me é possível experimentar. Há uma carga ética não palpável que por certo condiciona minhas escolhas, procuro não me limitar a ela – talvez mais do que tudo me coloco na direção do que não consigo enxergar com clareza.

Os diálogos – que também podem ser tributos; impossível negar que a tradição sempre estará lá – são inevitáveis e muitas vezes são pautados pelo querer chegar a uma retribuição (que poderá acabar sendo rejeição) que só possa vir mesmo da minha voz, daquilo que se despedaçou dentro de meu entendimento para que a minha voz (as vozes dos meus narradores) se apresentasse.

Leio muita poesia contemporânea, nacional e estrangeira, tento acrescer algo diverso do que li.

O livro faz referências a Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Austrália, Portugal, Espanha, Curitiba e Recife. Quais os reflexos desse cosmopolitismo na sua literatura? E o exílio, que é um dos temas de *Ithaca Road*?
Tenho grande dificuldade em me assumir como alguém que pertence a um lugar só. Não me sinto de lugar algum, de país algum, mesmo tendo o Brasil, o bairro onde eu cresci e me eduquei, a língua portuguesa, a minha família, como sendo os elementos, os fatores, que me trouxeram até este espaço onde eu me encontro agora, até esta identidade; não me sinto seriamente vinculado a um lugar específico (não tenho saudade de um lugar específico, não tenho saudade de lugar algum).

O sentimento de exílio é uma hipótese muito pouco dependente do deslocamento ao estrangeiro (do lugar que não este lugar), das experiências no estrangeiro; ele pode surgir mesmo que você jamais saia da sua cidade. Nesse sentido a leitura continua sendo uma experiência poderosa. Lembro muito bem de não me sentir mais o mesmo depois da leitura do primeiro livro que me impactou e do segundo e do terceiro; lembro muito bem de olhar ao redor, observando minha casa, meu bairro, minha cidade, e me sentir outro (quase estrangeiro e no estrangeiro) depois de terminar de ler o romance *A náusea*, do Sartre, ou a coleção com poemas de Paul Celan editada pela Iluminuras.

Seus poemas anteriores já falavam sobre o amor, mas a violência era muito mais presente, assim como uma dicção mais fragmentada, hermética, caótica, como se não buscasse o diálogo mas a própria incompreensão. *Mesmo sem dinheiro* parece focar no amor, na essência e na inquietação, em poemas talvez mais claros e até mesmo simples. Que mudanças você observa? Buscou "trocar de ciclo", "mesmo que doa"?
Acho que o livro está mais focado no sentimento de solidão do que no amor propriamente dito – mas o amor está lá, é quase impossível isolar os ideais de amor (seja por alguém, seja por si mesmo, seja pela humanidade inteira) do olhar poético. Há menos violência do que nos livros anteriores, preciso concordar, mas garanto que não foi um propósito.

Quanto à clareza. Nas diversas rodadas de seleção para definir o que entraria no livro, sobre o que sairia, nunca pensei em reunir os poemas por serem mais claros ou mais simples do que os poemas dos livros anteriores. Pensei no que me agradava e no que poderia funcionar em consequência da estética que me parece relevante. Pelo critério da clareza – olhando com algum distanciamento – talvez os poemas do Livro Dois, o "Tempo romano", sejam melhores representantes do hermetismo que também é uma característica forte nos poemas que escrevo, mas não sei.

***Mesmo sem dinheiro* demonstra desconforto com o meio literário, do qual você, claro, faz parte. Um poema, em especial, se revolta com as expectativas sobre o poeta: "(...) que seja pedra", "(...) que lave as mãos/ antes e depois de utilizar o mictório" "e goste de animais domésticos e de crianças" etc. Que cobrança você faz da sua literatura? O que espera da poesia?**
Não espero nada da poesia; eu nem sequer tenho mais aquela necessidade relevante de publicar poesia (leio e escrevo poesias todos os dias, no papel, no computador, e isso me basta). Não espero nada da minha literatura, eu escrevo, sobretudo os poemas, porque sinto que preciso.

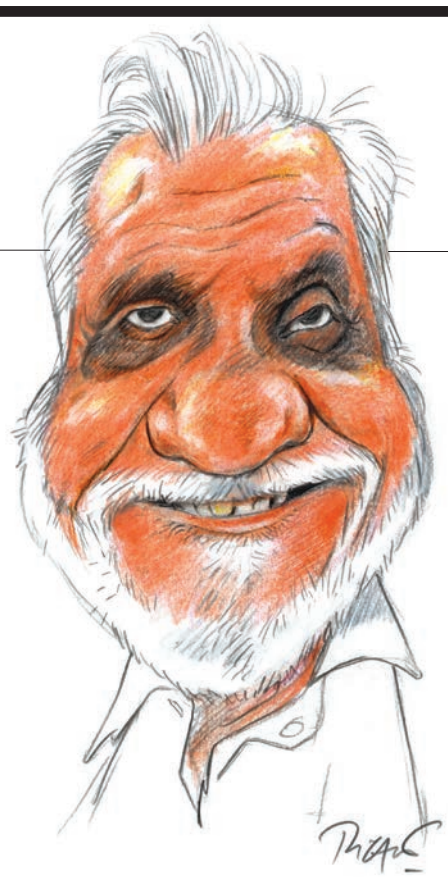
Quanto ao desconforto com o meio literário, posso garantir que não existe; o desconforto do narrador, nos meus poemas, é quase sempre com relação a ele próprio. Não penso no meio literário quando escrevo, é o que posso dizer – escreveria mesmo que o meio literário jamais me notasse (se o que escrevi, porém, não tivesse repercutido na maneira como repercutiu, talvez eu não tivesse tomado as decisões que tomei em 2008, justo para me arriscar, pelo período que eu conseguisse, na tal vida de escritor em tempo integral).

Em 2010 você disse se considerar fundamentalmente um poeta — antes de romancista ou contista — e que já aos 12 anos escrevia poemas. Sobre o que eram esses primeiros poemas? Houve um período da sua vida sem escrever ou ler poesia?
Sou poeta. O que mais preciso dizer?

Meus primeiros poemas eram sobre a importância alheia – assim eu resumiria aqueles poemas de adolescente esquisito, pré-adolescente esquisito, de doze anos.

Durante o meu mestrado, durante os dois anos de créditos (naquele tempo era assim), me impus não escrever poesia e não ler poesia e adoeci.

O que comprar um esqueite novo, mesmo sem dinheiro, representa para você?
Não desistir de fazer o que é importante fazer, mesmo que você olhe para o futuro e não veja um futuro fácil a partir da sua escolha; comprar um esqueite novo, entretanto, nunca é só isso.



Raimundo
CARRERO

O que é um conto ou um bom texto?

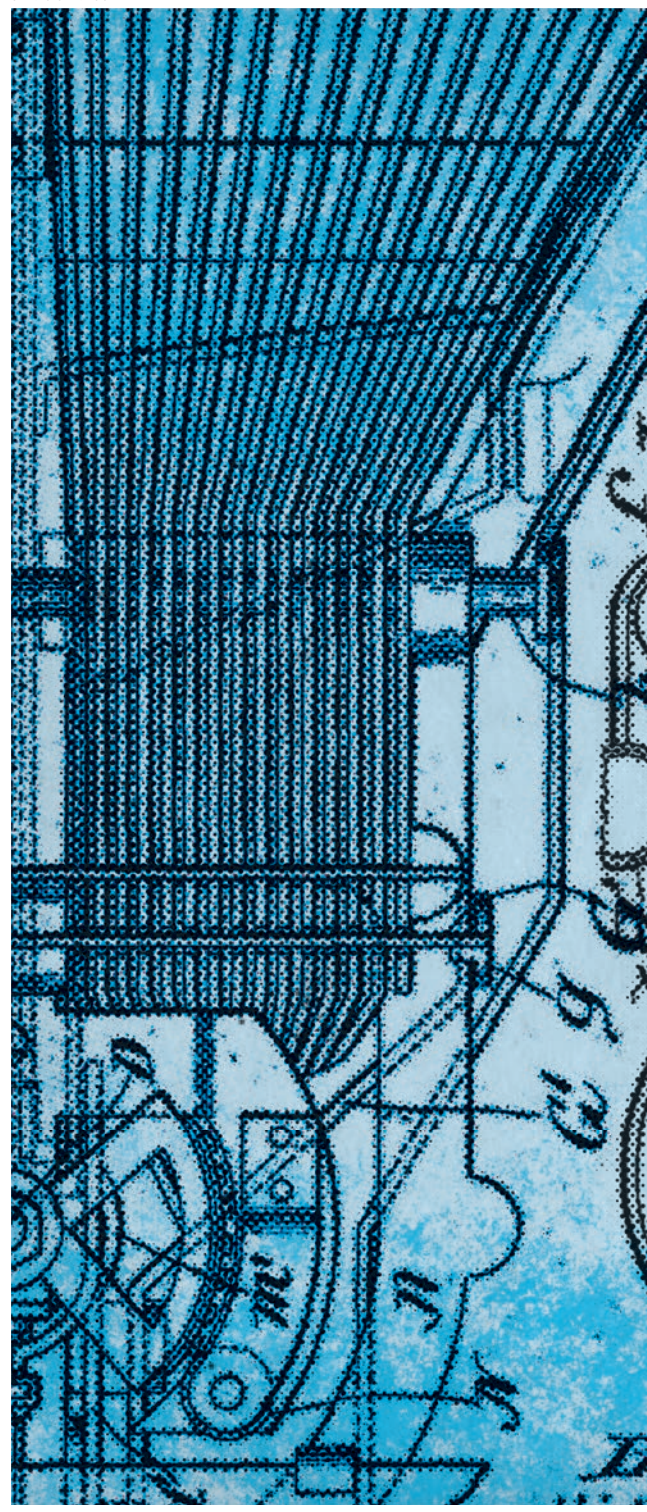
Antologia argentina tem bons textos mas precisam ser também bons contos

A ideia é possibilitar maior intercâmbio literário entre Brasil e Argentina, reunindo um conjunto de autores que abarca diferentes gerações, que resulta num livro nem sempre homogêneo, é claro, ainda que forte e belo. Um livro de contos, mesmo de um único autor, é quase sempre heterogêneo e irregular porque os textos se diferenciam entre si pela tensão, pela intuição, pela técnica e, não raro, pela temática, embora o tema não seja, a rigor, um problema do ficcionista, mesmo quando serve de apoio e, como se diz por aí, de inspiração. Ocorre que, querendo ou não, um autor se identifica melhor com um tema do que com outro. E daí pode surgir uma melhor – ou não – realização. O que sempre importa numa obra de ficção é a forma. O que nem sempre significa frases bem-feitas, objetivas, belas. É muito mais, muito mais mesmo. Uma boa obra de ficção exige não só as frases, mas, acima de tudo, a perfeita construção do personagem, a rigorosa seleção de cenas e a forma como estas cenas são distribuídas num texto. Não basta apenas um bom texto, um bom texto qualquer um pode fazer. Mas a isto deve estar aliada digamos a distribuição das cenas, de forma que o abismo de um instante pode revelar a tragédia de um personagem para, em seguida, possibilitar a sua redenção, até mesmo numa metáfora, num corte, num diálogo, numa frase. Talvez teatrólogos, dramaturgos, diretores, atores e atrizes possam entender melhor isso. Talvez. O profundo conhecimento do teatro de Machado de Assis deu a ele as condições para se transformar no grande romancista que ele é e continuará sendo para sempre. Vejam o exemplo de *Dom Casmurro*. Começa com uma cena de ironia quando o personagem conhece o poeta do trem e faz o leitor acreditar em algo suave, numa narrativa quieta e, quem sabe, inconsequente. Talvez uma digressão. No capítulo seguinte vem o corte dramático, quando o narrador expõe as verdadeiras razões do drama e introduz o leitor na temática. No terceiro capítulo surge, com traços de inquietação e força, a denúncia que tencionará o leitor, um acorde de metais que anuncia os motivos narrativos.

Neste capítulo 3, mostra seus conhecimentos de teatro quando o narrador cede espaço para que os personagens chamem os personagens para dentro do drama. A princípio José Dias anuncia dona Glória e Bentinho, em seguida dona Glória convoca o mano Cosme. Uns vão chamando os outros e, no final do capítulo, Dona Glória chama Tia Justina. No capítulo 12 – uma das chaves do romance – a mãe chama Capitu e Capitu chama a mãe. O Narrador tradicional é dispensado e é assim a estratégia de Machado, vindas do teatro.

Tudo isso para ilustrar o que chamei de técnicas do autor, através do narrador, para seduzir o leitor, sobretudo o leitor de contos. No livro *Contos em trânsito*, da editora Alfaguara, reunindo escritores argentinos de várias gerações – Abelardo Castillo,

JANIO SANTOS



Marcalo Cohen, Inés Fernández Moreno, Fogwill, Inés Garland Sylvia, Iparraguirre, Alejandra Laurencich, Cláudia Piñero, Pablo Ramos, Eduardo Sacheri, Manuel Soriano, Héctor Taizón, e Hebe Uhart –, encontramos contos bem escritos, muito bem escritos, mas, na maioria das vezes, sem o toque da montagem da narrativa. Não que seja

Marco Polo

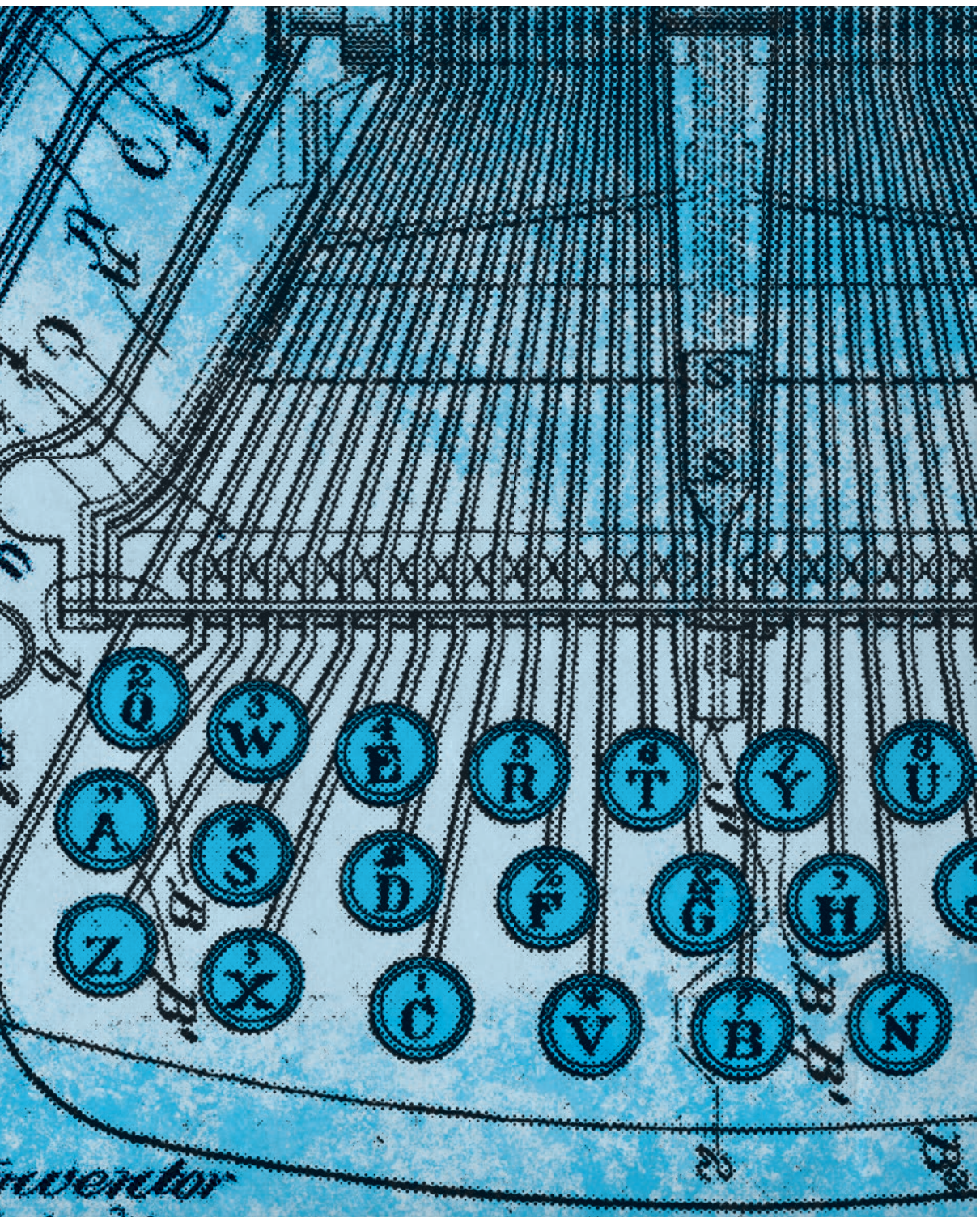
MERCADO EDITORIAL

CONTOS

Livro de prosa *Entre moscas*, de Everardo Norões, mantém a linguagem precisa que ele já exercia em seus poemas

Ernest Hemingway dizia que a escrita deveria ser como um *iceberg*, do qual só se via uma mínima ponta, enquanto toda sua potência teria que ser adivinhada sob as águas. Já Ricardo Piglia diz que todo bom conto tem, sob o texto aparente, um subtexto que flui como um rio subterrâneo. Esse tipo de qualidade, que obriga o leitor a ser um leitor ativo, mergulhador, escavador, em busca do ouro real, é uma das qualidades do livro de contos *Entre moscas*, do cearense radicado no Recife Everardo Norões (foto). Poeta de longa data, em sua prosa mantém a linguagem precisa e elegante de seus poemas, a serviço de narrativas surpreendentes pelos temas e por seu desenvolvimento. Lançado pela Confraria do Vento, do Rio de Janeiro, é livro indispensável para quem gosta de boa prosa.

HEUDES RÉGIS/ARQUIVO



medíocre, não é disto que falo. Refiro-me àquela qualidade interna que transforma o bom em ótimo, que dá a verdadeira dimensão do humano. Neste livro não faltam textos bons, muito bons. Mas são textos e não contos. O excelente crítico João César de Castro Rocha criou a expressão "produtores de texto" para classificar os escritores contemporâneos que escrevem bem, mas apenas escrevem bem, escrevem muito bem, mas esquecem de ser escritores. Com o que concordo plenamente.

Contos em trânsito levou-me a esta reflexão e a este questionamento que faço reiteradas vezes enquanto leio e que me levam a distinguir os escritores dos bons produtores de texto.

POLÍTICA

Obra revela políticos suecos sem mordomia

Há 100 anos a Suécia era, acredite, um país pobre. Investimentos tenazes em educação, ciência, justiça e projetos nacionais integrados levantaram a nação. E ainda dá exemplo na política: ministros andam de metrô, ônibus, bicicleta ou a pé. É o que relata a repórter Cláudia Varejão Wallin em *Um país sem excelências nem mordomias* (Geração Editorial), após dez anos de pesquisa *in loco*.

ROMANCE

Ricardo Japiassu recria o agreste nordestino do início do século passado contando a história de sua bisavó em Pedra

Autor de uma análise sobre Raul Pompéia, José do Patrocínio e Artur Azevedo (os três romancearam o fato real do roubo das joias da imperatriz Teresa Cristina no Paço de São Cristóvão, em 1882) e um livro de contos sobre sexualidades livres, Ricardo Japiassu Simões retoma o tema de seu outro livro *Cinco contos de Dona Babu*, sua bisavó. Ambientado em Pedra, cidade do agreste pernambucano onde nasceu, Japiassu fala, no romance *Dias secretos* (Editora Universitária UFPE) da vida sertaneja do início do século passado. No Sítio Curral de Pedra os personagens de caráter bem definido convivem com hábitos rígidos, secas e mandacarus, gado, fogões a lenha e uma religiosidade que a tudo contamina. Enfim, a recriação nostálgica de um tempo cristalizado.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

I Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:

1. Contribuição relevante à cultura.

2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:

a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;

b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;

3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.

II Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.

III Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. As páginas deverão ser numeradas.

IV Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.

V Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.

VI Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO

Secretaria da Casa Civil

Governo do Estado de Pernambuco

CAPA

CHICO LUDERMIR E KARINA FREITAS

Todo cuidado com os sintomas da paixão

Há exatos 50 anos, Clarice Lispector infeccionava a literatura brasileira

Julya Vasconcelos

Esta reportagem poderia chamar-se "Sobre o romance que adoece o leitor". Outro nome possível é "Não outra coisa, mas aquele mesmo deserto" ou "É que um mundo todo vivo tem a força de um inferno", ou ainda "50 anos de *A paixão segundo G.H.*". E também "Como matar baratas". Farei então pelo menos cinco histórias, verdadeiras porque nenhuma delas mente à outra. Embora uma única história, seriam mil e uma, se mil e uma noites dessem.

Em outubro de 1964, há 50 anos, o clima era sombrio no Brasil. Surgem novas expressões para dar conta da vida no território nacional: "linha dura" e "linha branda" concorrem aspirando ainda algum equilíbrio, talvez um pouco cínico, pois imprimindo ambas a ideia de seguir uma linha, manter-se dentro das fronteiras de uma ordem. Chove muito no sul do país. *O Evangelho segundo São Mateus*, de Pasolini, estreia na Itália. Cinquenta pessoas cavam um túnel sob o muro de Berlim. Há sete meses, um golpe havia instaurado uma ditadura militar no país. A caça aos comunistas tornava-se cada vez mais implacável. Exonerados, cassados e presos políticos começam a engordar uma lista que, hoje sabemos, torna-se mais negra e mais longa com o passar dos anos. No dia 6, cerca de três mil funcionários públicos foram demitidos. Em Pernambuco a polícia empreende uma caçada ao lavrador Antônio Joaquim de Medeiros (vulgo Chapéu de Couro), homem de confiança de Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas. Neste mês, "os cinco livros mais vendidos em São Paulo são de autores 'subversivos': *Os pastores da noite* (Jorge Amado), *Sexta-feira na 13* (Abelardo Jurema), *O ato e o fato* (Carlos Heitor Cony), *Dialética do desenvolvimento* (Celso Furtado) e *Tempo de Arraes* (Antonio Callado)", escreve Ana Maria Bahiana, no seu *Almanaque de 64*, que empresta a essa matéria todas as informações descritas acima. "Esse período" – comenta a jornalista – "de um modo geral é de intensa produção literária, novos autores experimentando com temas e linguagem. Olhando em perspectiva, a violência silenciadora do golpe se torna ainda mais monstruosa quando vista nesse contexto".

Pela Editora do Autor, fundada por Rubem Braga, Walter Acosta e Fernando Sabino nos anos 1960, Clarice lança um livro tão obscuro quanto o ano de 1964: *A paixão segundo G.H.* A sinopse: uma mulher de classe média do Rio de Janeiro demite sua empregada doméstica. Resolve arrumar a casa, e começa pelo quarto dos fundos, onde vivia Janair. Chegando lá, inicia um processo profundo de desconhecimento e mergulho interno, alcançando o estopim ao espremer uma barata entre as portas de um armário e degustar do seu corpo repugnante. O que há de 1964 em *G.H.*? "Creio que se a gente pensa não a política *na* literatura (que quase sempre resulta panfletário, endurecendo em doutrina) e a política *da* literatura (que tenta desestabilizar o real puxando o tapete dele, a linguagem); aí, acho que Clarice faz isso bem, Mallarmé faz isso bem; sem precisar levantar o punho – mas não é menos contundente balançar, pela suspeição, a ordem das coisas; *A paixão segundo G.H.* é exemplo disso: alguém que é levado além de si", comenta Lourival Holanda, pesquisador, crítico literário e professor de Letras da UFPE.

Levar-se além de si, nos anos de repressão, não pode deixar de ser considerado um ato revolucionário. Recusar-se a si mesmo, destruir-se através da linguagem e retornar modificado, capaz de então destruir as ideias de verdade e real. É a metáfora da vida intensa, como diriam os foucaultianos. *G.H.* instaura-se novamente, dá a si um novo nascimento, com todas as dores que envolvem nascer. "Alguém que é levado além de si *na* literatura", ressoa uma mistura confusa e reveladora da declaração de Lourival. É a história de uma metamorfose. "Enfim... Clarice, aquela que se deixou incendiar na fogueira da linguagem", nas palavras de Affonso Romano de Sant'anna. Completo: e puxa consigo seu leitor, que tem algo de devoto, e não questiona nunca a empreitada.

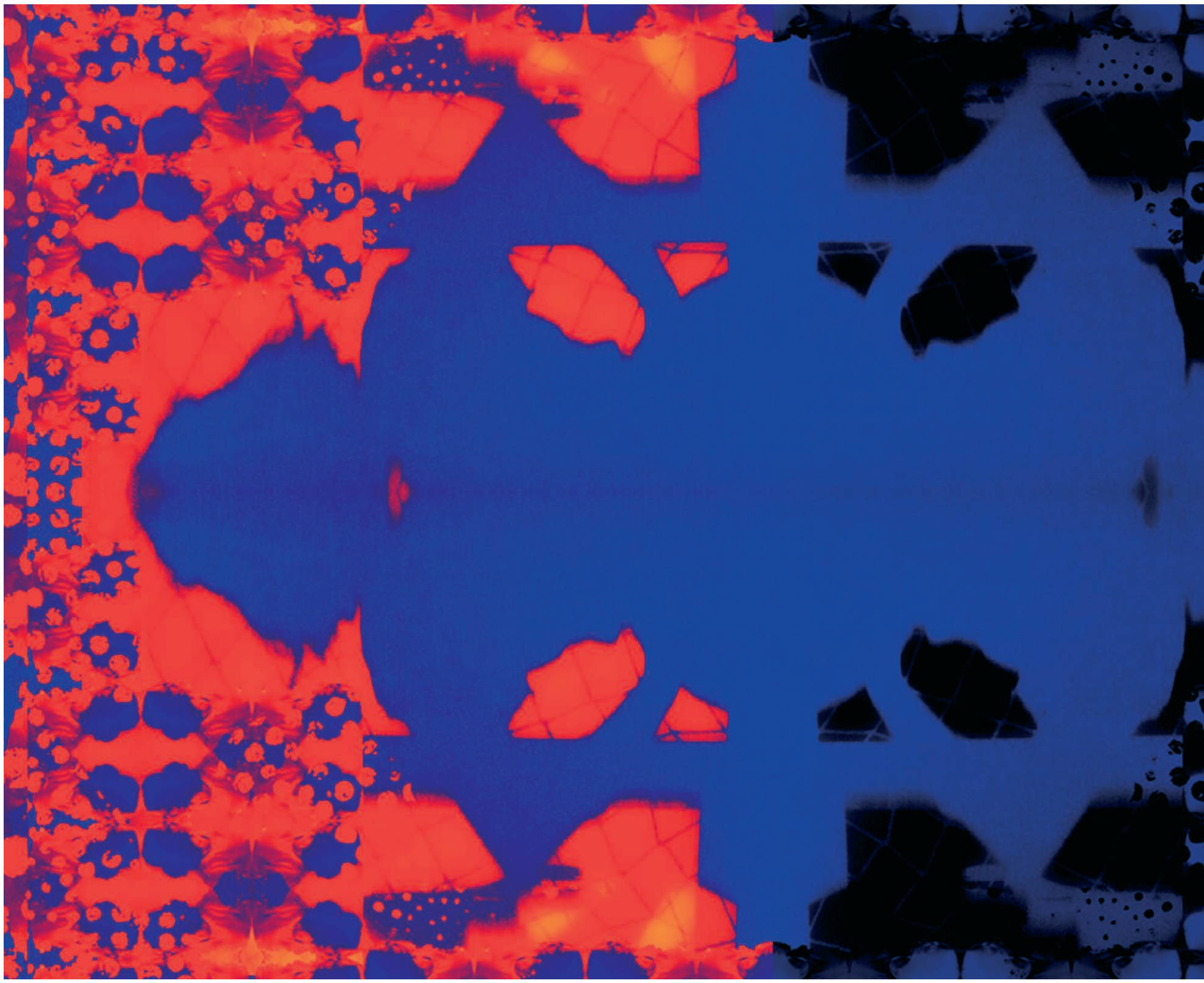
"Sempre me intriguei muito com o fato de Clarice ter publicado *G.H.* exatamente em 1964, de tê-lo escrito e publicado em um momento no qual a realidade, o país, ferviam. Fuga? Não creio que seja tão simples. Clarice nunca foi de fugir das coisas. Talvez um cansaço, isso sim, com a inevitável fragilidade humana, que a política expressa tão bem. No momento em que a feridade dessa fragilidade estava aberta, sangrava, Clarice resolve fazer perguntas mais profundas, que ninguém ousava ou tinha tempo para fazer", reflete José Castello. E dialoga com a questão de Lourival: "O que é *G.H.* senão um livro sobre a possibilidade – talvez fosse melhor dizer, a impossibilidade – da linguagem? A linguagem como nosso único, mas também precário, lar? Talvez a agitação política tenha levado Clarice a se perguntar por essas relações de fundamento que, na enxurrada das notícias, costuma se perder. A política é a arte da retórica - mas a literatura nada tem a ver com a retórica, o bem falar, o bem dizer. Ao contrário: a literatura se relaciona com aquilo que não pode ser dito. Talvez Clarice tenha escrito *G.H.* contra o império da retórica que, boa ou ruim, decente ou indecente, não importa, se alastrava pelo país".

NÃO OUTRA COISA, MAS O MESMO DESERTO

O primeiro parágrafo desta reportagem não é somente meu. Mais ou menos assim, Clarice Lispector começa seu conto "A quinta história", do livro *Legião estrangeira*, também publicado em 1964. Mais ou menos assim, Affonso Romano de Sant'anna começa o seu célebre estudo "O ritual epifânico do texto". Incorporar Clarice para falar de Clarice é como uma premissa, um marco zero de leitura: "Não é assim que se começa uma análise de texto, mas é assim que se deve começar a análise deste texto de Clarice", escreve Romano

CAPA

CHICO LUDERMIR E KARINA FREITAS



Otto Lara Rezende gostava de avisar: "Você deve tomar cuidado com Clarice. Não se trata de literatura, mas de bruxaria"

no seu artigo. José Miguel Wisnik, em aula proferida através do Instituto Moreira Salles, diz que para ler Clarice é preciso não massacrar suas entrelinhas, como ela mesma pede nos seus textos. Para falar de Clarice Lispector é preciso, principalmente, que não entendamos demais ou, pelo menos, que não a entendamos por uma via pré-estabelecida. "Porque é como se esse acercamento à coisa tivesse que ser feito de uma maneira que ela tem que ser nomeada e desnomeada continuamente. A gente não pode classificar ou imobilizar a coisa através de palavras que a fixasse. Tem um movimento permanente de uma aproximação, que é uma pergunta pelo nome da coisa sabendo-se que a esse nome nunca se chega propriamente", explica o pesquisador.

"O romance é escrito todo de capítulos cuja primera frase de um capítulo é sempre a última do capítulo anterior como se ele fosse enleado pelo moto-perpétuo que vai a levando inexoravelmente a abocanhar a barata, comer a barata, ou a lamber a barata. É essa a aproximação que, quando se dá, se dá um lapso, ela nem lembra desse momento como se a aproximação a esse real fosse no limite e permanecesse impossível", completa Wisnik.

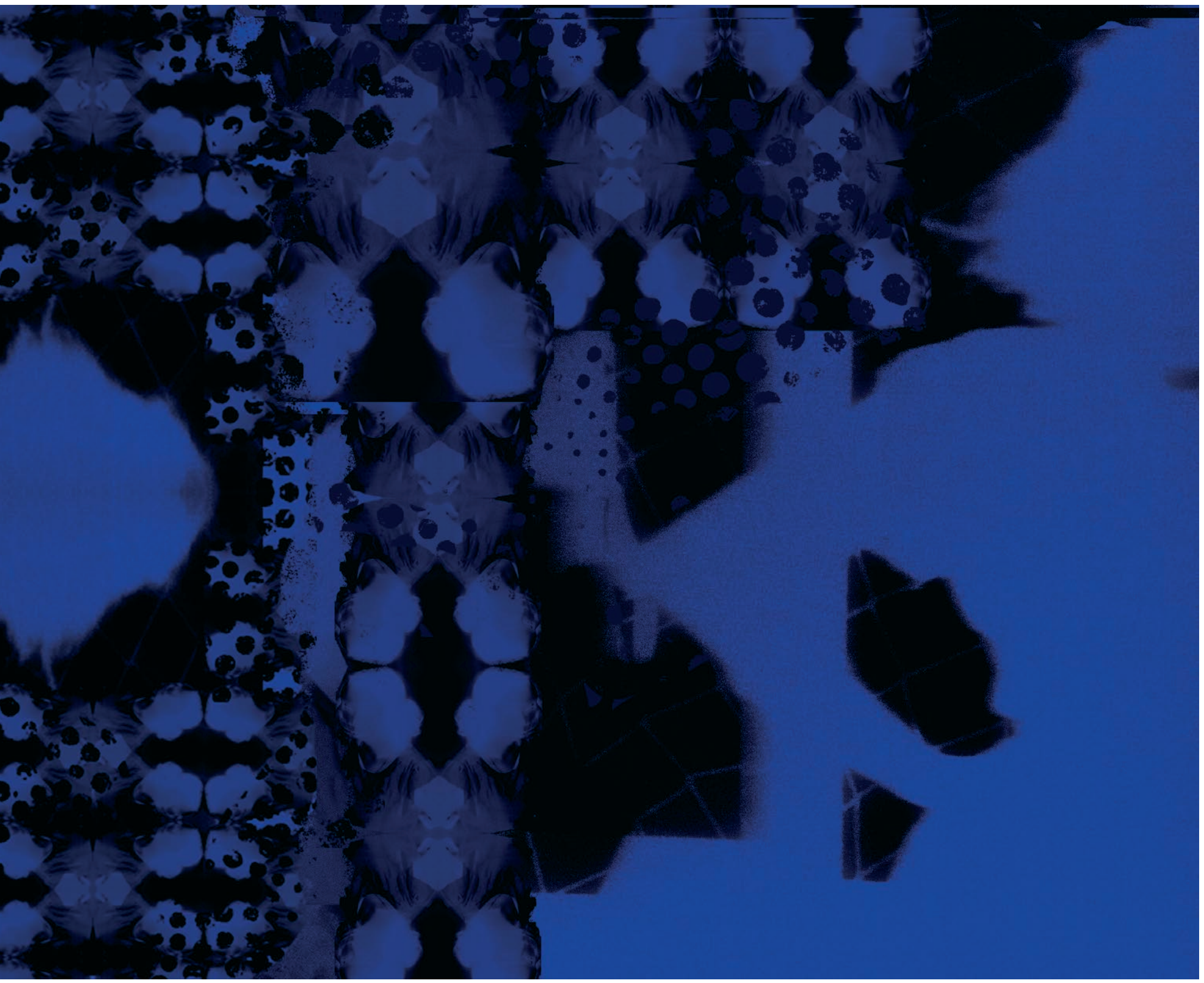
A própria Clarice, em *G.H.*, escreve, na página 72: "e nesse mundo que eu estava conhecendo, há vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, em possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também: tudo isso também significa ver". Castello leu *G.H.* pela primeira vez aos 18 anos. Caiu doente, de cama, vítima de alguma misteriosa doença: não era possível saber se tratava-se de uma virose ou uma depressão. A família chamou um médico. "Depois de me examinar, ele se virou para minha avó e disse: 'A senhora não se preocupe. É apenas uma paixonite'. Foi a crítica literária mais precisa que já ouvi. Lendo-me, o médico leu *A paixão segundo G.H.* e seus efeitos em mim".

Em julho de 1991, o mesmo Castello e Otto Lara Rezende tomam um uísque em um bar do Leblon. Ao ouvir Castello pronunciar o nome de Clarice, Lara Rezende respira fundo: "você deve tomar cuidado com Clarice. Não se trata de literatura, mas de bruxaria". Não fica claro se é uma piada, uma frase de efeito ou a mais pura verdade. Castello estremece, se enche de cautela.

Para Hélène Cixous, pesquisadora francesa da obra de Clarice, a escritora brasileira não escreve em português, mas em *Lispector*. A hiperconsciência de Clarice em relação à lingua e seu desterro geográfico é o que, segundo Cixous, eleva sua obra a um lugar único. José Castello diz que só uma pessoa que não se adapta à língua, que a revira, que dela desconfia, pode escrever uma obra como a de Clarice. "Quando um leitor se apaixona por um escritor, o leitor se torna o escritor". Para ler Clarice, parece ser impossível não incorporá-la, não comê-la assim como G.H. come a massa branca da barata. Envolve disposição, e sobretudo paixão, contaminação. "O escritor argentino Ricardo Piglia disse certa vez que toda a literatura pode ser reduzida a dois gêneros fundamentais: as narrativas de amor e as narrativas de mistério. Em *G.H.*, essas duas claves básicas da ficção se entrelaçam. Pois é justamente a mistura letal de amor e mistério que chamamos de paixão", resume Castello. A leitura de *G.H.* detona paixões e leituras excessivamente pessoais, como se o leitor assumisse o hermetismo da personagem e imprimisse a camada do seu próprio hermetismo, que só a ele diz respeito, por cima da camada do texto. Dizem que Caio Fernando Abreu tinha medo de olhar no espelho e eventualmente ver Clarice. Precisou libertar-se dela para achar sua escrita.

É QUE UM MUNDO TODO VIVO TEM A FORÇA DE UM INFERNO

O português perfeito ornado por um sotaque desconcertante de fundo, enquanto fala sobre literatura, me remete imediatamente a Clarice, como



"A senhora não se preocupe, é só uma paixonite", avisa o médico à mãe de José Castello, que teve febre após ler G.H.

se ouvisse falar um fantasma. "A lógica é uma parte mínima da vida, uma ferramenta de entendimento. Há muito ainda além disso", diz Claire Varin, no seu português *lispectoriano*.

Claire é canadense, doutora em Letras pela Universidade de Montreal. Na mesma conversa citada há pouco, Otto Lara havia alertado José Castello sobre uma tal pesquisadora que andava pelo Brasil: não se tratava de "uma atração intelectual, mas de uma possessão. Claire está possuída por Clarice". Claire não aceita a ideia de possessão revelada na conversa entre os dois escritores, mas defende o que chama de "método telepático" para ler Clarice. Quando peço que explique, ela me censura: "Querer entender não serve... Ou então entender não com a inteligência racional mas com a inteligência sensível (já que segundo o que aprendi num curso de psicologia na universidade – aliás um curso chato – tem 120 formas de inteligência!). E ela mesma não disse que o mundo é extremamente recíproco? Então. E disse também para alguém: como é que você se sente ao ler meu livro? Então é assim que me sentia ao escrever...". O método telepático continuou envolto em mistério, mas talvez seja o recurso de todos os leitores mais devotados de Clarice: misturar-se, adoecer de Clarice.

Claire fala com agilidade, alguma ansiedade, detendo-se raramente em algumas palavras que lhe escapam. "Ela era uma mística, mas não uma mística ligada à religião, entende? Era mística no sentido de uma extra-sensibilidade. Ela poderia, por exemplo, ser uma monge zen budista! (risos). Mas Clarice orientou toda essa sensibilidade para a produção literária. E o que vemos é uma verdadeira via-crucis (a paixão), como no caso *G.H.* Uma desconstrução constante, uma longa meditação sobre a vida".

Em 1979, durante uma palestra da pesquisadora francesa Helene Cixous, sobre Clarice Lispetor e Rainer Maria Rilke, Claire Varin tinha por volta dos 27 anos. Enquanto falava de Clarice, em um auditório da Universidade de Montreal, Cixous, segundo Varin, falava da lição da lentidão, do mito da morte de Clarice, e outros assuntos que encantaram a futura pesquisadora. "Era possível sentir na palestra que a Helene Cixous foi arrebentada, tomada a tal ponto! Dizia que Clarice era a maior escritora do século 20", diz Varin. Imediatamente foi em busca de *A paixão segundo G.H.*, primeiro livro de Clarice com o qual teve contato. "Entrei de uma vez só no livro, uma vertigem. Nunca havia lido algo parecido. Eu podia enfim me identificar com um escritor, com uma mulher, integralmente".

Claire decidiu largar tudo e mudar-se para o Brasil, aprender português, mergulhar na vida e na obra da escritora brasileira. Era natal, 40°C no Rio de Janeiro, cinco anos depois da morte de Clarice. Claire pode sentir o bafo quente do clima assim que as portas do avião se abriram. Saía de um inverno canadense rigoroso e de repente caminhava pelo Leme, tendo a mesma vista do mar que Clarice tinha. "*A paixão segundo G.H.* foi a descoberta da minha vida", diz a pesquisadora.

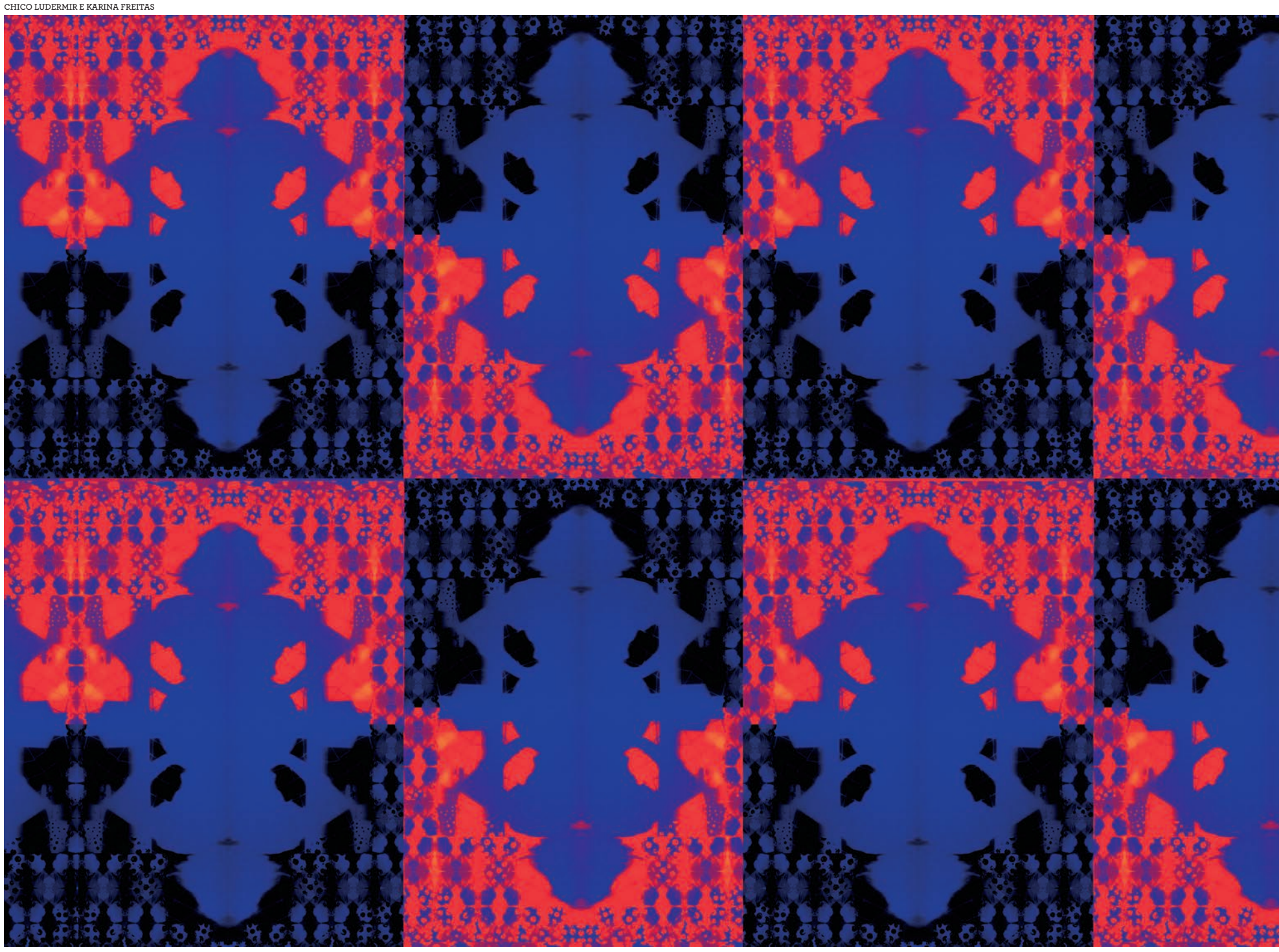
SOBRE O ROMANCE QUE ADOECE O LEITOR

No livro *Com Clarice*, publicado no ano passado em parceria com Marina Colasanti, Alfredo Romano de Sant'anna conta que quando dirgia a Biblioteca Nacional, foi fundada a "Sociedade das Amigas de Clarice". Diz: "Leitores de Clarice vivem noutra dimensão. Já disse que reconheço uma leitora de Clarice a 500 metros de distância, pois leitor (a) anda a dois centímetros do chão".

Era um fim de semana ensolarado no clube Campestre de Porto Alegre. À beira da piscina social o burburinho do clube passava longe dos ouvidos de Cíntia Moscovich, então na casa dos 20 anos. "Foram dias de ficar surpresa e muito, muito encantada. Parecia que tinha descoberto a diferença entre o que era e o que não era importante", diz Cíntia sobre a sua

CAPA

CHICO LUDERMIR E KARINA FREITAS



É preciso entender: a verdade é que ninguém sabe que vai perder a terceira perna até perder efetivamente a terceira perna

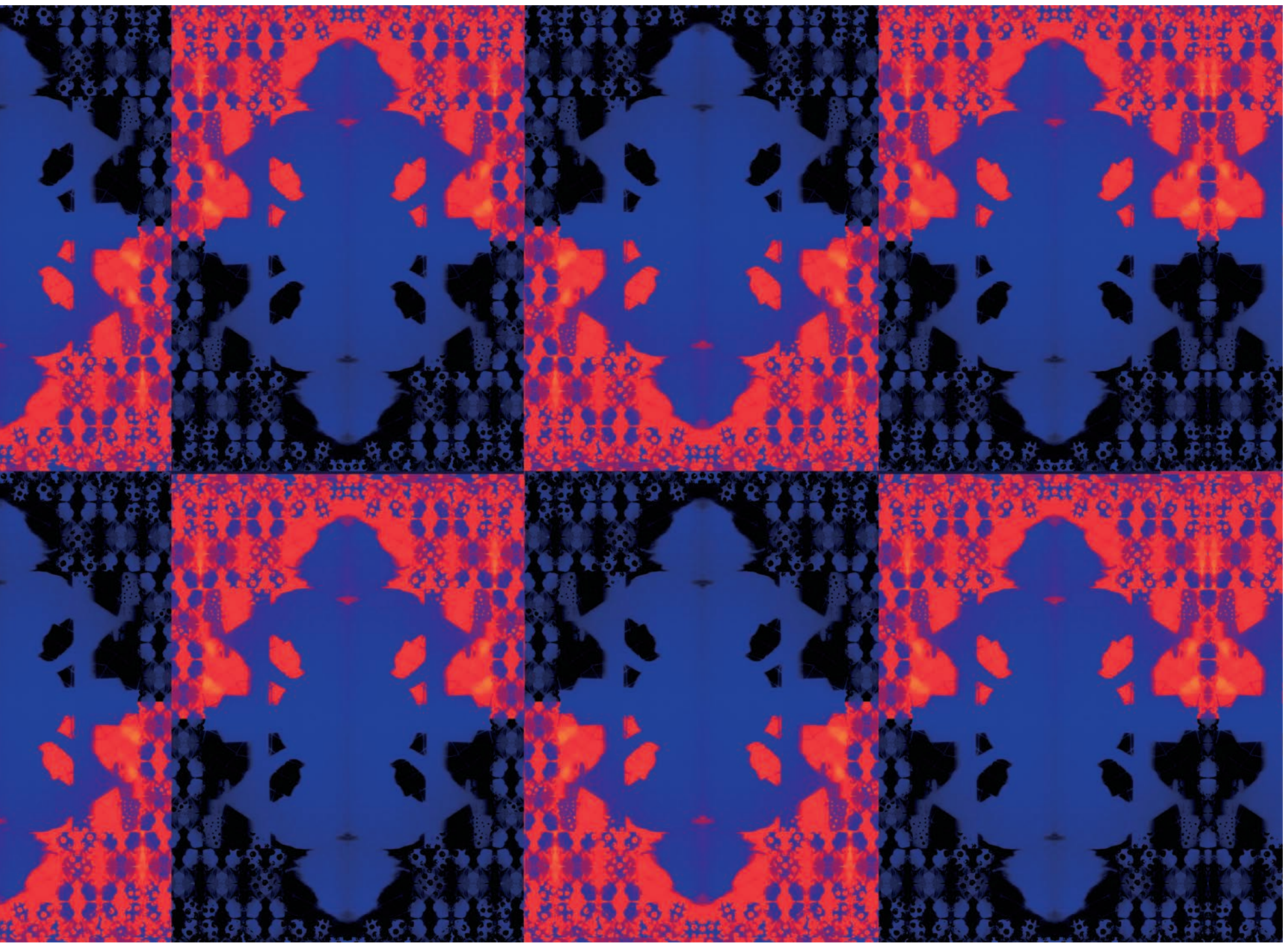
leitura de *G.H.* Anos antes, havia lido *Laços de família* por indicação de um professor, seu primeiro contato com Clarice, e diz ter entendido tudo o que não havia entendido até então. Para a escritora, *G.H.* é um dos livros mais emblemáticos da Clarice. "É um livro de ação interna efervescente, no qual aparentemente nada acontece em termos de movimento – e sabemos que é a ação que funda o romance. Para entrar nesse mundo da Clarice e da *Paixão*, deve-se estar nessa batida de ampliação ou alteração de consciência, os sentidos apurados, aquela luz absurda batendo nos olhos. Uma vez que se ingresse nesse mundo de luz e de inação, de nojo e de sedução, as leituras são infinitas", acredita a escritora.

Entrevejo o rosto de José António Barreiros numa foto pequena ao lado do e-mail que me envia com suas respostas. Um olhar austero por trás dos óculos de grau, os cabelos branquíssimos e um ar levemente desatento me lembrou Manoel de Barros. Parece-me já de cara uma impressão errada. José é português, advogado e editor da *Labirinto de Letras*, tem 65 anos e vários blogs, que cuida e atualiza com o esmero que se espera de um editor. Um deles é dedicado a Clarice e sua irmã, Elisa (também escritora, de sucesso infinitamente menor que o da irmã). A escrita em português corretíssimo, deixa entrever em algumas postagens um desdém pelo sucesso que a autora alcançou em Portugal e as leituras superficiais: "para muitos é apenas o superficial da frase solta". Comecei a ler Clarice, com afinco, em 2006, quando a sua obra era escassamente conhecida em Portugal", afirma. *A paixão segundo G.H.* foi uma de suas leituras mais tardias, através de uma edição portuguesa da Relógio de Água. "A ininterrupta narrativa de *A paixão* (gosto de chamar assim ao livro aniversariante, como se de um *Requiem* se tratasse) não considero que a tenha lido. Nunca se pode dizer que se leu um livro de Clarice", escreve José. "Nela a extensão é a profundidade, o efeito labiríntico de espelho, o infinitamente pequeno conter o indizível infinito. Neste, cada capítulo é o retorno ao final do antecedente, a narrativa surge traçada porque oriunda de um mundo já em curso e segue, traçada também, para a bruma do além", explica o editor, com o ar de devoção que tem ao falar da obra.

Sob o mesmo sol de Lisboa, a jovem poeta portuguesa Patrícia Lino nasceu em 1990, e responde assim quando peço que descreva seus sintomas na leitura de *G.H.*: "1, 2, 3. Inspira, expira. 1, 2, 3". Continua, depois do respiro: "*A paixão* é um romance que me assusta bastante e claro está que, à primeira, não prestei atenção ao perigo para que Clarice nos alerta à entrada". Patrícia refere-se ao "aviso" de Clarice no início do livro. Ela diz que o livro é como um livro qualquer, mas que "ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aqueles que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo de que se vai aproximar". A verdade é que ninguém sabe que vai perder a terceira perna até perder efetivamente a terceira perna. Todos, ao encarar a frase do início devem se perguntar: eu tenho uma alma formada? "E não, continuo a não fazer a mais pequena ideia de como é ter a alma formada. Ter uma alma formada, guardar *A paixão* na biblioteca pessoal, temê-la como se teme um sismo e, ainda assim, aconselhá-la aos outros com regularidade é um eterno paradoxo. Se há coisa que a Paixão faz é desformar."

Patrícia é idealizadora do *Projeto Clarice*, que desde 2008 divulga a obra de Clarice ao redor do mundo. O grupo tem uma página com mais de 400 pessoas. Durante as sessões de leitura que o projeto promove, ela diz ser normal que lhe perguntem o livro preferido de Clarice. "*A Paixão segundo G.H.*, respondo. E é legítimo que, logo depois, me peçam um resumo da obra (como se isso pudesse justificar de imediato o meu gosto e, *ipso facto*, a minha escolha). Ora resumir *A paixão* como poderia resumir, por exemplo, *Coração, cabeça e estômago* ou qualquer outro romance de Camilo, caso mo pedissem, não é possível. De edição para edição e arredondando os números, é possível descrever, através de um fio narrativo pobre em detalhes, as primeiras 40 páginas. A partir da página 40, estamos muito longe daquilo que generalizadamente entendemos por concretude. E de que nos poderia servir a concretude? De nada, rigorosamente de nada. Não há conforto que nos valha", atesta.

A mãe da produtora Jam Pawlak, que também participa do *Projeto Clarice* era ucraniana, como Clarice. Alexandra Mikita tinha orgulho de haver nascido no mesmo país da escritora. Lia e relia *Laços de família*, com insistência, durante os anos 1960, repetindo sempre a frase "não esqueci de nada?". Jam, por influência da mãe, tornou-se fã



da escritora. “Lembro da minha primeira leitura de *G.H.* com um pouco de aflição e nostalgia, foi simplesmente extraordinária! Eu me perguntava, que palavras eram aquelas? ‘Sou cada pedaço infernal de mim’... psicologicamente em farrapos, atormentada por emoções contraditórias, alimentando sonhos, fugindo da realidade com pesar. Clarice me deixou com febre de viver, de correr riscos, de encontrar a minha paixão, paixão sufocada pelo tempo, esquecida do outro lado do oceano. Sim, Clarice me afetou com o néctar das palavras que me sufocavam e ao mesmo tempo me libertavam do obscuro medo de tentar mais uma vez, somente uma única vez! Era coragem brotando de cada página...”.

Para Gonzalo Aguilar, professor de Literatura Brasileira da Universidade de Buenos Aires, e um dos maiores especialistas do país na obra de Clarice Lispector, se lida a partir da literatura brasileira, a partir do feminismo, a partir de uma chave social ou política, enfim, a partir de qualquer chave adotada, *A paixão segundo G.H.* agrega palavras supreendentes. “Mas o que fica cada vez mais claro é que o romance excede a todas e através de um conflito mínimo coloca o problema central de como incorporar o outro”. Para ele, esse outro pode estar em qualquer chave interpretativa, em qualquer sintoma pessoal. “Para mim, pessoalmente, *G.H.* é um livro de viagens, um esforço corporal da escritura como se vê nos roteiros que iniciam no périplo do protagonista para modular novos sujeitos em seu próprio corpo, percepção em linguagem”.

Para Vilma Arêas, escritora e pesquisadora da obra de Clarice, “a figura da mulher, sua esterilidade, seu diletantismo (não consegue se comprometer com a arte) e o julgamento que ela recebe das classes populares, representadas pela Janair, que aliás é pintada com as cores da barata” é uma das chaves de leitura do livro. “Para mim existe um imenso sentimento de culpa no romance”, diz a escritora. No mesmo curso de Vilma Arêas, a pesquisadora Solange Ribeiro de Oliveira tem um livro chamado *A barata e a crisálida*. Nele, a professora fundamenta um conflito de classes. Para ela *G.H.* habita uma superestruta social e o quarto da empregada seria o *bas-fond*.

As interpretações místicas de *G.H.* também são constantes. Segundo Vilma Arêas, “comer a barata pode ser lido como uma comunhão às avessas”. Para Fernando de Mendonça, escritor e doutor em Letras pela UFPE, a chave para desvendar *G.H.* é uma leitura Teopoética, teoria que une teologia e literatura para interpretar obras que tocam em conceitos de ordem sagrada/religiosa. “Não tenho dúvida de que é uma chave essencial para o texto de Clarice que, desde o título, evoca o imaginário bíblico, no símbolo da paixão de Cristo. Minha pesquisa, ou seja, minha visão sobre o livro, focou a noção de Desamparo sofrido pela protagonista, que repete constantemente este sentimento à luz do desamparo cristão (*lama sabactani*)”. Mas afirma que é impossível limitar o livro a uma visão. “A grandeza da obra está, justamente, em mediar todos os seus anseios no cerne da linguagem, nos problemas do texto, da palavra. Isto é literatura, isto é o inesgotável”, explica o pesquisador.

As interpretações místicas do romance são constantes. Segundo Vilma Arêas, “comer a barata é comunhão às avessas”

---------- ESTOU PROCURANDO, ESTOU PROCURANDO. ESTOU TENTANDO ENTENDER

Milena Paixão é escritora, estudante de literatura na Universidade do Chile. Revira as memórias de dez anos atrás para reencontrar com o romance. Pensa: “não vou revisitar o livro, revirar somente minhas memórias”. Lembra-se: a luz que batia no espaço daquele quarto onde entrou a mulher. Tenta achar a sensação da leitura, aquela esfarelada pelo tempo. À vacuidão das lembranças físicas, vem a nitidez de como se sentiu: o assombro, a solidão compartilhada, um certo nojo, ternura. “Não tenho pudor em dizer que minha relação com Clarice é assim: entendo-a de um modo muito sensorial. Não decoro frases, elas entram pelos olhos e se acomodam onde querem, ficam ali pousadas, vivendo. A roupa de palavras se vai, fica o cerne, algo encasulado, não sei. Tenho a impressão de que às vezes essas frases despertam em mim anos depois, outras continuam aqui, enoveladas”, conta.

A coisa é que ao final, morta de curiosidade, Milena pega *A paixão* na estante. Na folha de rosto, um rabisco confirmava: 2004. Nas folhas, seus sintomas grafados, na ânsia de não esquecer as frases todas. Ladeando as páginas, comentário a lápis: “me sinto assim às vezes”. “Mostrar àquela pessoa”, “refúgio”. “De nada disso eu lembrava, e abracei o tomo com força, como se eu mesma me contasse um segredo. Como se eu abraçasse um diário de dez anos atrás, de ontem.”

PERFIL

Meu querido, quem briga com bicho, perde

Uma conversa sobre o espanto do mundo com Matilde Campilho

Ricardo Viel

Faço uma pergunta e faz-se um silêncio. E percebo que Matilde olha por cima dos meus ombros em direção ao Tejo. "Barcalhão ali, incrível", diz com ar de satisfação. "Estava a vê-lo e me distraí, desculpa", completa. Alguém escuta o comentário, aproxima-se e diz que é realmente bonito o barco a passar. E ela reforça, pronunciando bem as sílabas: "É lindo". Volta a olhar para mim, ameaça responder sobre suas influências literárias, mas desiste. Prefere voltar a um assunto mais interessante: o encantamento diário que tem com a vida, e que transparece em seus poemas. "Tá vendo como a paisagem muda? É disso que eu estava falando. Não tem jeito. E a quantidade de paisagens que aquilo (o barco) transporta, a quantidade de pessoas de países diferentes que vão ali?", diz apontando para o rio. É por isso, porque o espetáculo do mundo – pegando emprestado a frase de Ricardo Reis – é sempre algo novo e poderoso, que essa portuguesa de 31 anos anda alerta, como se lê em "Primeira hora em que o filho do sol brincou com chumbinhos", poema publicado em *Jóquei*, seu livro de estreia:

"Meu querido, às árvores falam. Os tigres correm olimpíadas em pistas muito mais incríveis do que aquelas feitas de cimento laranja. Usain Bolt vezes cem, o sorriso de Usain Bolt vezes mil. A matemática não é difícil se você comparar tudo ao aparecimento de cardume. Alguns frutos nasce no chão, outros caem dos ramos. É preciso estar atento."

Seja no Rio de Janeiro ou em Lisboa, cidades aonde nos últimos quatro anos tem dividido seu tempo, Matilde Campilho estará atenta. Levará consigo um caderno para anotar o que para muitos é a rotina, mas que para ela é deslumbrante cotidiano. "Às vezes os meus amigos até ficam irritados. Pá, já tá bom de se espantar, não? Mas é que isto muda todos os dias", argumenta. "Também tem a ver com ter saído muito de alguns lugares, de sentir saudade de alguns lugares. O mundo não me cansa, e não é uma coisa de criança. O mundo não cansa as crianças porque elas não tem consciência dele. Vou tendo um pouquinho de consciência do mundo, já tenho 31 anos. Já andei pelo mundo um pouquinho", diz, e diverte-se com a frase que acaba de pronunciar. "Sim, um pouquinho, porque o mundo é grande demais", acrescenta.

Para essa portuguesa acariocada que já morou na Itália, na Espanha e em Moçambique, ver o mundo com olhos de espanto é algo natural, faz parte de seu DNA (e foi potencializado com o encontro com o Rio), mas também é um opção. "Acho que é uma escolha. O mundo é obviamente bom e mal, há dias que a gente consegue ver mais o bom, e outros mais o mal". E mesmo quando as coisas não saem bem, quando parece que a vida conspira contra, trata-se de escolher a lente que será usada na câmera. "Graficamente o mundo não ficou mais feio. É minha vida que está mais foda. É uma escolha. Escolher o mais bonito ou o mais feio, sabendo que eles estão lá os dois, eles estão sempre lá, no mesmo lugar. Na paisagem ou nos seres humanos. Eu tenho coisas boas e más exatamente a habitarem aqui ao mesmo tempo, o que deito pra fora, e como ajo, é uma escolha diária."

A POETA

Matilde Campilho nasceu em Lisboa em 1982, estudou literatura e foi a Florença para aprender pintura quando ainda estava "à procura de uma voz". Viajou, conheceu muitos lugares, mas foi pelo Rio que se encantou. Um amor um tanto quanto previsível - os amigos diziam que eles tinham tudo a ver, que eram a cara um do outro – , mas que demorou para acontecer. Foi só em 2010 que a portuguesa conheceu a tal cidade maravilhosa. Ia para ficar só duas semanas, foi ficando. Desde então, tem um pé cá e outro lá, divide-se entre o pôr do sol de Lisboa e o amanhecer do Rio. Foi no Brasil que começou a levar mesmo a sério essa coisa da escrita. Foi onde descobriu-se (ou assumiu-se) poeta. Durante anos pensou que o que escrevia em seu caderno fossem apenas "notas distraídas sobre o mundo", mas pouco a pouco foi percebendo que ali estava o embrião de sua poesia, que ali estava sendo forjado seu estilo. Os vários amigos escritores serviram de incentivo, e Matilde começou a frequentar sessões de leitura nas noites do Rio, até que um dia atreveu-se a ler algo seu. Foi também nesse época que começou a lançar no Facebook seus versos. Fazia, sobretudo, para os amigos, porque o correio demorava, e mandar postais a todo o tempo era caro, e havia a urgência de comunicar-se. Depois vieram os vídeo-poemas (narrados por ela e com imagens, e às vezes algum som de fundo), que eram como recados que ela lançava aos mais próximos, sem o problema do fuso horário e do custo das chamadas. Os vídeos colocados no *Youtube* extrapolaram o círculo dos amigos e o nome Matilde Campilho começou a soar entre os fazedores e os leitores de poesia. Até que chegou o momento de fazer um livro. Sentou-se diante do computador e um ano depois nasceu o *Jóquei*, publicado em Portugal pela Tinta da China em maio e ainda sem previsão de chegar ao Brasil. "Briguei com ele, zanguei-me com ele. Lembro da primeira vez que vi o *Jóquei*, que peguei ele na mão, na editora, que pensei: caramba, foste um filho da mãe. Foste incrível, fizeste-me companhia para não sei quantos lugares, mas agora paz. É como quando você encontra um ex-amante. Encontram-se, que bom, mas agora vai."

Mas antes de parir o livro, Matilde passou por outro processo, o de assumir-se poeta. "Eu tinha muito medo dessa coisa de estar acima, num patamar", conta. "Não conseguia dizer que era poeta enquanto eu própria achava que aquilo estava ligado a um mito, a uma criatura maior. Sou só a Matilde que também bebe Coca-Cola e também vai à praia e dá mergulhos". A sombra de Camões e de Pessoa eram, por vezes, fantasmas que assustavam. Como para uma jovem escritora inglesa é Shakspeare, exemplifica. Por isso, Matilde optou por respeitar os grandes nomes da poesia portuguesa, mas não venerar em demasia os grandes. "Algo como entra aí, senta-te ao meu lado e toma um café comigo." Foi só quando o *Jóquei* já ia em fase muito avançada que ela teve coragem de dizer: sou poeta. "Esse trabalho foi o eixo constante dos últimos anos, então achei que era justo dizer sou poeta. Não sei se é a minha profissão, se é mais ou menos do que isso, sei que preenche o eu sou". Emprego teve (e tem) vários: editora, produtora, jornalista. Mas seu trabalho é, agora tem claro, a poesia.

DIVULGAÇÃO

A POESIA

Jóquei é um álbum de verão, define Pedro Mexia, o editor da Tinta da China que publica Matilde. São dezenas de poemas divididos em capítulos (alguns em prosa) sem uma temática dominante. Talvez haja, isso sim, um otimismo e uma esperança que paira sobre (quase) todos os versos. "Há milagres. Depois do surgimento da baleia solitária, depois dos círculos de Benjamin, depois do desdobramento do poema XIX, depois do berlinde de Seymour Glass sendo girado no dedo do jogador de basquete, me diga, como não acreditar no brilho natural que diariamente resplandece no peito da terra? Bem, seu rosto de espanto frente ao sorvete de morango numa tarde de domingo é a manobra que puxa o lustro à pele do planeta. Benzinho, estamos invertendo a profecia de Eliot. Estamos curando o resfriado de Madame Sosostris, e esta coisa da alegria ainda vai dar muito certo", escreve Matilde num poema em prosa. Em "Eu já escuto os teus sinais", outro poema do livro, ela diz: "Hoje se eu pudesse/ eu voltava à cidade. / Só para beijar/ a cidade na boca."

Numa primeira leitura já é evidente que para Matilde não há fronteiras, não há a divisão do português que se fala em Portugal e no Brasil. Não há espaço para o purismo, nem assunto proibido, nem estrutura ou forma a ser seguida. Num mesmo poema convivem línguas ("The roses are lovely. Fazes falta, meu chapa" ou "You are the Sunshine/ of my life/ e conversar contigo de manhã é tão bom") e sotaques ("O brasileiro acha que o amor é importante porra, eu cá não acho nada, só fui arranhando poemas, alinhando conchas") e podem figurar armas, ou a torcida do Flamengo, ou a roda gigante de Coney Island; ou glóbulos vermelhos, o pebolim, a Federación Uruguaya de Esgrima, tudo isso numa atmosfera de certa insolência, otimista e atrevida ("Era capaz de atravessar a cidade em bicicleta para te ver dançar./E isso/ diz muito sobre minha caixa toráxica").

"Há milagres. Depois do surgimento da baleia solitária, depois dos círculos de Benjamin, depois do desdobramento do poema XIX"

Essa aparente espontaneidade dos escritos da portuguesa podem deixar uma imagem de que são versos que nascem com facilidade, frutos de um flash, que a beleza deles é bruta e natural e que não necessitam de polimento. Mas Matilde desmente essa versão. "Você não imagina quanto tempo eu passei em bibliotecas, quanto trabalho deu fazer esse livro", conta a poeta, que recordar "brigas" que teve com os versos. "Teve uma altura que até me zanguei com o livro, e lhe disse: acho que tu nem sequer mereces estar no mundo", ri.

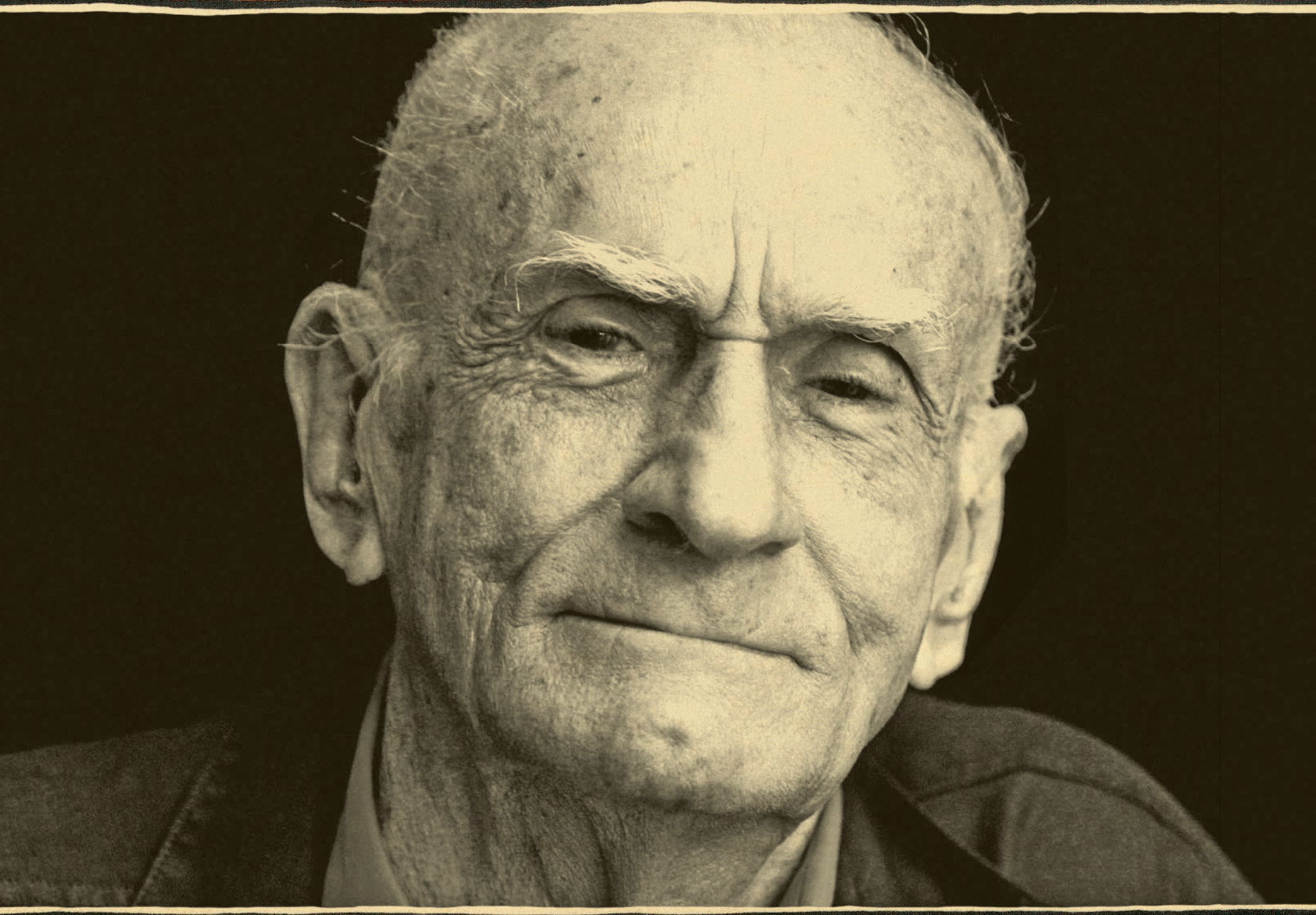
Portanto, a poesia de Matilde é muito mais estudada e cerebral do que uma primeira imagem pode passar. "Tento que o aleatório, no trabalho, aconteça pouco. Na vida sim, muito. Mas no trabalho, isto não é de todo uma coisa despreocupada, aleatória. Tudo isso tinha um sentido, um momento. A poesia é feita de um monte de coisas, de leituras, mas muito de vida lá fora. E na minha vida lá fora sim eu permito, absolutamente, o aleatório. Mas no trabalho não, é uma coisa super pensada."

O surgimento de Matilde Campilho foi um pequeno terremoto, sem vítimas, mas com estruturas abaladas, no mundo literário português. A crítica ao seu livro de estreia foi favorabilíssima. Foi classificado por um acadêmico que escreve no jornal *Público* como um "acontecimento precioso em língua portuguesa". Fala-se em desconstrução do poema, em um "mergulho numa nova dicção", em ruptura, na descoberta de "um novo mundo numa antiga língua comum" e até em inauguração de um novo momento. Mas mais importante do que isso é o fato de o livro ter esgotado em menos de dois meses e já estar na segunda edição. Mesmo sem ter sido ainda publicado no Brasil, também desse lado do Atlântico os versos da portuguesa já ecoam: foram publicados na *Folha de S. Paulo* e no *Globo*, e celebrados pela crítica.

Leio seu *Jóquei* e, não sei bem por que (mas talvez intuo) me vem à cabeça o Tropicalismo, e penso que possivelmente ela seja só uma entre várias pessoas, que pode ser – e oxalá seja – que em Portugal e no Brasil neste momento esteja a ser fermentado algo novo, rompedor, desafiador dos cânones, que em breve explodirá bem diante de nossos olhos; algo que no começo será incompreendido, depois, celebrado. Penso nisso tudo e recordo uma frase que Caetano deixou gravada em *Verdade tropical*: "Eu sentia alegria por (Gilberto) Gil existir, por ele ser preto, por ele ser ele, e por minha mãe saudar tudo isso de forma tão direta e tão transcendente. Era evidentemente um grande acontecimento a aparição dessa pessoa, e minha mãe festejava comigo a descoberta". A aparição de Matilde Campilho também a mim me parece um grande acontecimento, e sinto alegria por ela ser mulher, e portuguesa, e por ter amado e deixado-se amar tanto pelo Brasil. É uma pessoa tão bonita, viva e autêntica quanto seus poemas (o que não é pouca coisa), e creio sinceramente que vale a pena festejar essa descoberta.

Leia poemas da autora na seção de *Inéditos*

"MATAR PADRE DÁ UM AZAR DANADO.
SOBRETUDO PARA O PADRE"



ARIANO SUASSUNA,
mestre que sabia que arte é
missão, vocação e festa.

1927 2014

UMA HOMENAGEM DA
Cepe EDITORA

INÉDITOS

Sidney Rocha

JANIO SANTOS

A arte de fazer o bem

– Me dá uma esmola, filho. Tenho frio e ando doentinha, disse a mão esticada da velhinha. De fato, não tinha os trajes apropriados para aqueles dias gelados.

– Não tenho nenhum dinheiro, agora, minha velha – respondi, me apiedando.

Estava tão convicto disto que retirei a carteira do bolso do casaco e, surpreso, encontrei ali duas notas. Envergonhado, ajeitei as cédulas entre as tiras da carteira.

– Não comi nada hoje. Pague uma sopa para mim – a voz repetiu.

Tudo aquilo me obrigou a separar a nota menor e entregar à velhota.

– Agora tem o dinheiro – falei. Senti meu coração se aquecer e ela sorriu.

– Você ainda terá muito, meu filho. Vá com Deus.

Segui em frente.

Horas depois, ao consultar o saldo no banco, meu dinheiro se multiplicara. Antigos devedores se apresentaram para pagar com juros dívidas já prescritas e perdidas. Imóveis meus, que economias de servidor público medíocre me permitiram, bangalôs sem nenhum valor, de uma hora para outra foram parar nas áreas mais valorizadas da cidade. Herdei de parentes que não conhecia boa fortuna, e não pude deixar de exclamar:

A velhinha, a santa velhinha.

Então, certo dia, voltei às imediações decidido a encontrá-la, quem sabe, pudesse ajudá-la em algo. De tanto procurar e descrevê-la, os comerciantes terminaram por me contar a história toda.

A velha estava nas ruas há muitas décadas. Era pedinte profissional. Nunca quis nada com trabalho. Perdeu todas as oportunidades por preguiça. Sempre lhe deram, então sempre pediu. Era uma golpista, dessas de chorar lágrimas da pilantragem, arriada nas paredes de mármore dos bancos, até alguém lhe perguntar o que ocorria e ela desfilar vicissitudes de uma vida falsa, cheia de netos malvados que lhe batiam se não chegasse com um boa quantia em casa; e logo agora, quando encontrara tantos bons cristãos num dia que a bondade divina jamais repetirá, voltando para os seus algozes, acabava de ser assaltada, oh, valham-na etc, etc.

"Que golpe ela aplicou em você?", perguntaram.

"Nenhum. Pelo contrário: a rigor, só me fez o bem," e pensei: "mas, visto ter sacaneado com tantos, vou-me embora, não preciso vê-la outra vez".

Atravessei a avenida, alinhei-me na calçada, quando ouvi o chiado de uma voz:

– Psiu, filho, psiu: ajuda-me: tenho frio e ando doentinha.

Reconheci o rosto murcho.

– Senhora, que decepção. Não é mais que uma golpista vulgar. E eu, tão bondoso, lhe ajudei, de coração, com quase tudo que eu tinha naquele dia.

Ela me olhou, viu as roupas bem passadas, o reluzente colar de ouro, as chaves fazendo volume nos bolsos.

– Parece que também te ajudei. Falei que irias ganhar bastante dinheiro, não falei?

– Afaste-se, sua farsante. – a mão cambaleante vinha na direção do meu peito – Foi tudo só grande coincidência. Onde estão os outros milionários a quem disseste o mesmo, hem? Ora, adeus.

– Escute, filho, cometes agora o segundo erro: desdenhar da pobre velha. Não sabes quem sou, ou sabes o que dizem, mas nunca se fala a verdade sobre pessoas, não é mesmo? E, agora, se não tiveres de mão generosa o tanto para me pagar um bom jantar, sequer lamentarei tua desgraça.

– Ora, foda-se, pilantra.

E fui embora.

***

Tempos depois, por todas as razões críveis e incríveis, acordei falido. Estava metido em escândalos, apostei nos cavalos errados, e agora puxava uma longa cadeia. Perdera o resto com advogados e policiais corruptos, enfim, não tinha mais nada, nada, nada, a não ser a memória acesa dia e noite, clareando a bruxuleante figura da velha. Estava decidido a vê-la, se um dia saísse da prisão. Saí. E isso cumpri, alguns duros anos depois, numa outra manhã gelada.

– Me reconhece, velha?

– Sim, filho.

Olhou-me e viu minha imagem alquebrada e torta. Afastou-se um pouco.

– Não tenha medo. Não vou fazer mal. Pensei bastante e entendi tudo. Minha merda de vida vai virar conto de autoajuda, ok, mas uma coisa não entendo, e só você pode explicar.

– Talvez eu possa, ela disse, sem descuidar do movimento das ruas, a mão estirada para a mulher com o cachorrinho, o estudante com o celular ao ouvido, o cadeirante esnobe na cadeirinha elétrica.

– Você falou de eu ter cometido o segundo erro: ter lhe negado um simples jantar. Ok. Mas e...

Ela interrompeu, mas com calma:

– Filho, o primeiro erro, o mais grave, foi ter voltado naquele dia – e continuou, a voz raspada a ferros da garganta – Não cometa agora o terceiro, que seria ir embora. Senta aqui, a velha vai te ensinar todos os golpes.

Então, não discuti. Sentei.

Já se vão anos sem conta disso.

Ao terminar de ouvir sua história, dei a ela todo o dinheiro da minha carteira. E mudei de cidade.

INÉDITOS

Matilde Campilho

Briga entre um terreno sagrado e outro

Perdi muito tempo pensando
sobre se você iria para o céu
ou para o inferno
Achava que com tanta gente
ferida por seu punhal
havia uma possibilidade
Sim uma possibilidade
de que você fosse parar
no inferno
Mas depois também tinha
aquela coisa de você nadando
na Praia da Amoreira
ou de você desenhando
com uma pedrinha branca
na pele do rochedo irregular
ou até de você aparecendo
sorrindo na minha frente
Tinha a forma como você
conversava com estranhos
na rua à hora dos lobos
Seu jeito de segurar a raqueta
quando jogava badminton
Aquela sua atrapalhação
quando você se atrasava
Você sempre se atrasava
e chegava correndo
se justificando
olhando o relógio
que você nem tinha
Você toda afogueada
subindo no banco de trás
de minha bicicleta
enquanto eu continuava
lendo o jornal internacional
calmamente
sempre calmamente
te esperando

Você dizia *des-des-desculpa*
eu lia a última parte da notícia
que falava de um barco
encalhado na Mesoamérica
e depois te dizia *vamos?*
Havia a possibilidade
é havia uma forte possibilidade
de que você terminasse no céu
ou no paraíso
O tempo que você levava
para se despertar
nas manhãs de dezembro
A atenção que você dedicava
a todas as partes de seu corpo
e de meu corpo
e do corpo do raminho
de magnólias
que adormeciam
e acordavam connosco
no hotel mais sujo da cidade
em dezembro e fevereiro
Isso dizia muito sobre
sua vocação para a meditação
e também para o desespero
Passei muito tempo pensando
sobre se tua inclinação
te levaria até o inferno
pouco depois de tua morte
E mais do que isso
eu também pensava
se você morrer eu morro
se você escolher o gole do diabo
eu bebo do mesmo cantil

Foi assim que me tornei ladrão
Assim que apontei o canivete
na têmpora de Xavier Tementree
Assim que assaltei a horta biológica
para levar todos os pés da salsa dourada
Foi assim que esbofeteei o policial
e pior que isso foi assim que esmurrei
meu colega samurai
quando eu sabia que ele fazia aquilo
só por diversão ou por imitação
Passei muito tempo pensando
num lado e no outro
E portanto nos intervalos do terror
para cobrir minha retaguarda
Eu dançava na quermesse
Alimentava os castores
Contava as línguas das tribos
Fazia vénias aos astrofísicos
Beijava todas as cabeças
dos pássaros e dos lampiões
Não fosse deus tecer a manta
e fazer-te escolher a água benta.

Para onde você vai eu não sei
Na verdade não me importa mais
Porque no caminho do post-mortem
Aconteceu que dei de caras com a vida.

Um coração que mora dentro do olho do jaguar

O Verão, rapazes – como disse C. Adams – implica uma insistência nos mergulhos e uma desistência breve das respostas. Importante é passar a mão pelas escarpas, afagar o pescoço das andorinhas do mar, verificar o oxigénio no tubinho de plástico que ajuda a respirar na cala azul turquesa e permitir que o Senhor ressuscite o sangue dos espadartes a todas as manhãs de 29º C. Estas são as tarefas que devem ser realizadas

e – como disse Adams – bom mesmo é chegar ao fim da estação sem nenhuma resposta.

RESENHAS

LIANA MIUCCIO/DIVULGAÇÃO

JHUMPA LAHIRI ESCRITORA VEM COM OBRA QUE FOI FINALISTA DO *MAN BOOKER PRIZER* E DO *NATIONAL BOOK AWARD*

O legado que a *Flip* traz para as livrarias

Evento literário promove lançamentos que sem sua força dificilmente aconteceriam

Schneider Carpeggiani

Quando você receber essa edição do **Pernambuco**, a *Festa Literária Internacional de Paraty*, a *Flip*, já terá terminado (seu último dia é no domingo, 30). Mas o que importa, na verdade, é o legado literário que o evento concede às nossas livrarias: como se trata da grande vitrine anual da literatura, as editoras capricham em relançamentos e em lançamentos que, sem a força da *Flip*, dificilmente aconteceriam. Fizemos aqui uma lista de alguns desses títulos que merecem sua atenção:

O DEMÔNIO DO MEIO-DIA — UMA ANATOMIA DA DEPRESSÃO
Andrew Solomon, Companhia das Letras, R$ 42 – Lançada originalmente no começo da década passada, obra fundamental para quem quer entender a doença que parece conter o DNA da atual geração. O autor parte da sua experiência pessoal com o tema e ergue uma pesquisa assombrosa, filosófica e nem sempre digesta. Há alguns anos fora de catálogo, o livro ganha uma edição econômica.

MIL ROSAS ROUBADAS
Silviano Santiago, Companhia das Letras, R$ 40 – Num dos livros mais fortes lançados no primeiro semestre de 2014, Silviano Santiago propõe uma pergunta crucial: "O que fazer quando perdemos nosso biógrafo?". A resposta foi escrever de qualquer forma, porque a vida não pode deixar de ser registrada – "Por me conhecer, também sei que iria querer fazer ligeiras mudanças no vocabulário do texto original. As correções não se configurariam como traições. Há palavras que detesto e outras que adoro. Há outras mais que me parecem indispensáveis porque fazem parte do meu próprio estilo de falar ou de escrever. O estilo não é o homem?"

DE REPENTE, UMA BATIDA NA PORTA
Etgar Keret, Editora Rocco, R$ 35 – Um dos inovadores do conto em seu país, o israelense fala nessa obra sobre paternidade e o espanto da vida, em trechos fortes que tentam entender a realidade a partir da construção literária, como: "Uma história nunca vai correr no meio de uma rua movimentada ou tentar engolir uma pilha. Tampouco fará amizade com os colegas errados ou fumará um cigarro nos fundos da escola. E o mais importante de tudo, uma história, mesmo que de fato te surpreenda, nunca será respondona e sempre vai ouvir o que você diz".

THE COW WENT TO THE SWAMP — A VACA FOI PRO BREJO
Millôr Fernandes, Companhia das Letras, R$ 33 – *The tide is not for fish* (A maré não está pra peixe), *To drow the goose* (Afogar o ganso) – Esse antimanual de traduções de expressões famosas da nossa língua foi um grande *best-seller* nos anos 1980 e retorna agora em nova edição, aproveitando a homenagem que Millôr recebe na *Flip*.

AGUAPÉS
Jhumpa Lahiri, Editora Globo, R$ 42,50 – Ganhadora do Pulitzer, a escritora inglesa de origem indiana é considerada um dos grandes nomes atuais a narrar o espanto do exílio, do constante estar em lugar algum, à deriva, em busca da cura de dores do passado, que não parecem prescrever. "Neste novo país enorme, parecia não haver lugar para o país anterior. Não havia nenhuma ligação entre os dois; a única ligação era ele. Aqui a vida deixava de tolhê-lo ou de atacá-lo. Aqui a humanidade não estava sempre empurrando, forçando, correndo como que perseguida por um fogaréu.", aponta um dos trechos do seu novo romance, que foi finalista do *Man Booker Prizer* e do *National Book Award* de 2013.

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

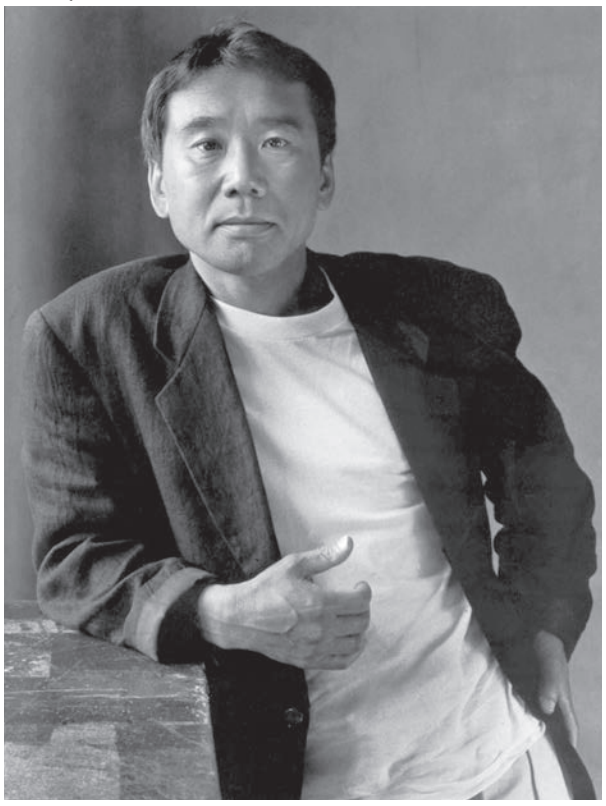
FESTIVAL

Romance de Clarice Lispector é o grande homenageado da 12ª edição do *A Letra e a Voz*

Começa no próximo dia 20 a 12ª edição do *Festival Recifense de Literatura – A letra e a voz*, promovido pela Prefeitura do Recife. A curadoria é de Schneider Carpeggiani, editor do **Pernambuco**. Neste ano, o foco será a discussão sobre o gênero romance. O homenageado, pela primeira vez, não será um escritor, e sim uma obra: *A paixão segundo GH*, de Clarice Lispector (foto), que completa 50 anos em setembro. De temática misteriosa, o livro foi lançado poucos meses depois do Golpe Militar. Em meio aos nomes já confirmados para o evento, o argentino Rodrigo Fresán, que teve há pouco sua obra *O fundo do céu* relançada pela Cosac Naify, Alberto Mussa e Cristovão Tezza, que irá encerrar a programação de debates. Essa edição ocorre pela primeira vez no Museu do Recife, no Forte das Cinco Pontas.

REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO



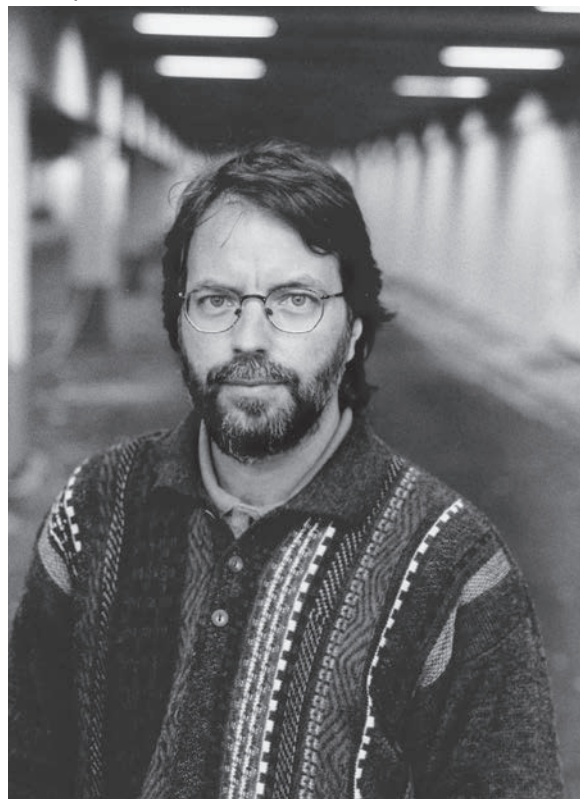
O Murakami de sempre

O fascínio do leitor brasileiro pelo *best-seller* japonês Haruki Murakami ganha novo combustível. A Alfaguara acaba de lançar uma nova edição de *Caçando carneiros*, publicado originalmente em 1982, obra que daria fama mundial ao autor. Aqui já estava presente uma de suas marcas: fatos banais que explodem em situações inusitadas, *nonsense*, sem qualquer explicação. O protagonista do livro é um personagem, do qual não sabemos o nome, que leva uma vida tranquila trabalhando numa agência de publicidade, convivendo com a ex-mulher e alguns amigos – todos muito comuns, ou assim parece. Mas tudo muda depois que ele recebe uma carta misteriosa e conhece pessoas inesperadas: uma modelo de orelhas sedutoras, um grupo político de direita com um chefe enigmático e, por incrível que pareça, um homem-carneiro. Lançado em uma busca fantástica, ele terá que atravessar o Japão para encontrar o único carneiro que pode trazer novamente algum sentido ao seu cotidiano. Para quem ainda não se recuperou de *1Q84*. **(S.C.)**

ROMANCE

Caçando carneiros
Autor – Haruki Murakami
Editora – Alfaguara
Preço – R$ 36,90
Páginas – 336

REPRODUÇÃO



Sobre criar e traduzir

De forma declarada, os 35 textos compilados em *Contos do tascer da Terra*, utilizam a sensibilidade da luz da lua para narrar incríveis causos moçambicanos (com todo o sotaque que é possível inserir na palavra escrita). Com o fantástico deste cotidiano, Mia trata do universal: há desde o mágico do infantil às hierarquias familiares, há natureza e conflitos domésticos, ciúmes, perda e perdão (em suma, há amor). Vlademiro, de *Velho com jardins nas traneiras do tempo*, é morador de qualquer cidade brasileira que não aguenta mais, apesar de estar num banco de uma praça de outro continente. Noutro dos momentos mais bonitos do livro, no conto-poesia *Miaudádivas*, pensamentos, dedicado a Manoel de Barros, "ensinador de ignorâncias", a voz em primeira pessoa afirma entender apenas de raízes, que são vésperas de flor. Não é o caso de Mia Couto, que compreende, traduz e cria – de forma sensível, completa e, ao mesmo tempo, breve – diferentes etapas da identidade de seu país. **(Laís Araújo)**

CONTO

Contos do nascer da Terra
Autor – Mia Couto
Editora – Cia das Letras
Preço – R$ 39,00
Páginas – 272

MULTIPLICIDADE

Recife abre espaço para todas as faces da literatura

A quinta edição do *A letra e a voz* leva ao público, de 16 a 26 de agosto, todas as faces da literatura, da poesia marginal à poética francesa, da cultura judaica ao cordel, num amplo painel que reúne poetas, ficcionistas, críticos literários e, principalmente, os leitores, para discutir os rumos da literatura e apreciar as obras em recitais, leituras e cantorias. O Recife antigo é o palco principal da festa, que se estende por praças, teatros e ruas.

PRESTÍGIO

Festival homenageia escritores de dimensão nacional

Realizado pela Prefeitura do Recife, o festival *A letra e a voz* aproxima o público de escritores consagrados, como Gilberto Freyre, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardozo, Manuel Bandeira, Hermilo Borba Filho, Osman Lins, Ariano Suassuna e outros, mas sem deixar de promover a discussão sobre a literatura mais contemporânea. Este ano, além de Clarice Lispector, os homenageados serão os poetas marginais Erickson Luna e Francisco Espinhara.

PROGRAMAÇÃO

Diversificar e descentralizar são as palavras de ordem

Incluindo palestras, mini-cursos, mesa-redondas, oficinas, sessões de leituras, concursos, lançamentos de livros e outros atrativos, o festival vai reunir nomes como Alice Ruiz (PR), Frederico Barbosa (SP), Rogério Manjate (Moçambique), Marcelino Freire (PE), Ademir Assunção (SP), Ondjaki (Angola), Beatriz Viegas Farias e Jean-Pascal Dubost (França),além de nomes locais para debater temas relacionados à criação literária.

PRATELEIRA

MEDEIAS LATINAS, MEDEAE ROMAE

Em edição bilingue, português-latim, a obra foi traduzida e organizada por Márcio Meirelles Gouvêa Júnior, que reuniu 11 textos de clássicos romanos (Sêneca, Ovídio e outros), que analisam a personagem mitológica, tornada símbolo da vingança desmedida como resposta à rejeição, mas que também representa a marginalização do estrangeiro em Roma, forçado ao isolamento cultural se não se adaptasse aos costumes sociais da época.

Organizador: Márcio Meirelles
Editora: Autêntica
Páginas: 312
Preço: R$ 54,00

A OVELHA NEGRA E OUTRAS FÁBULAS

Contista consagrado, Monterroso subverte a maneira clássica de contar fábulas, reiventando o gênero em 40 histórias cheias de ironia e de uma falsa simplicidade, nas quais navega pelo universo adulto das relações humanas, da literatura e da política. O autor, que nasceu em Honduras e viveu na Guatemala e no México, é reconhecido pela criatividade, o que se comprova nesta obra, traduzida por Millôr Fernandes.

Autor: Augusto Monterroso
Editora: Cosac Naify
Páginas: 96
Preço: R$ 29,90

O ESPÍRITO DA PROSA

Nessas memórias, Tezza revela os processos mais íntimos da sua criação literária, desde as influências, a luta para encontrar seu próprio estilo, como amadurece os personagens, como consegue contrapor o narrador ao seu lado leitor, que fiscaliza com olhos atentos os resultados obtidos. Obra imperdível para os fãs do premiado escritor e também para todos que se interessam pelo ofício de escrever.

Autor: Cristovão Tezza
Editora: Record
Páginas: 224
Preço: R$ 28,00

TESTAMENTO DE PASÁRGADA - ANTOLOGIA POÉTICA

Os mais célebres poemas de Bandeira foram selecionados por Ivan Junqueira, que os acompanha com ensaios literários onde revela as mudanças ocorridas na poética bandeiriana. A coletânea reúne 163 poemas publicados nos livros *A cinza das horas*, *Carnaval*, *Libertinagem*, *Lira dos cinquent'anos*, *Estrela da manhã*, *Estrela da tarde*, *Belo belo*, *Opus 10*, *O ritmo dissoluto* e *Mafuá do malungo*, que vão desde os versos livres que inspiraram os modernistas até as cadências tradicionais.

Autor: Manuel Bandeira
Editora: Global
Páginas: 372
Preço: R$ 30,00

CRÔNICA

Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

Desgostos brotam da pele

Cachorros de rua mataram, na semana passada, a gata da minha sogra. Melhor dizendo, a gata que pertencia à minha sogra. Que a parentalha não diga que abuso da ironia, por favor. Já estava velha, coitada. A gata, claro.

Dona Bayja e Seu João voltavam de uma caminhada, pela manhã, e a encontraram morta no alpendre. Teve forças para fugir da caincalha e morrer em casa, o que hoje em dia não é pouco. A maioria, homens ou animais, bate as botas e as patas longe do lar, distante dos amigos, dos parentes, das crias. Faz tempo que os tempos são outros aqui na beira do mato. O de dentro desse Brasil caindo pelas beiradas, é o que é.

Tio Nerval, por exemplo, detestava hospitais. Dois anos antes de morrer perdeu uma perna. Diabetes. Enfrentou como pôde o asséptico ambiente, mas fugiu assim que teve sustância para sair feito um saci da Santa Casa. Pela primeira vez na vida fez uso de um ombro amigo, disse depois, quase chorando. O orgulho caipira é folclórico. Se um sujeito vai irremediavelmente esticar as canelas – no caso do meu tio, coitado, uma só delas –, tanto melhor que seja no próprio quarto.

Ele também tinha pavor a cemitérios. Mas fez questão de que a perna fosse enterrada em campo-santo. Dizem que visitou escondido o próprio corpo, ou o pedaço do corpo, para não exagerar o fato. Teria rezado, até, segundo as línguas desocupadas. Ninguém comprova a história, nem partes dela, inclusive. O fato é que um homem não pode ficar muito tempo desacompanhado de si. Morreu no hospital, provavelmente pensando na varanda de casa.

A gata da minha sogra se chamava Gisele. Branquinha, olhos verdes. Um dos meus cunhados escolheu o nome por causa da *top model*. Beleza, elegância e hormônios, com certeza. Se os tempos mudam, o mesmo não se pode dizer da fabriqueta de secreções do corpo.

Minha sogra detestou o nome. Não ia com a cara da modelo, principalmente em razão das entortadas da moça no final da passarela. A moda seria uma impostura? Penso que a raiva nascia de sua própria coluna, que começava a vergar os anos em dores chatas nas cadeiras. Natural que não aceitasse aquele batismo.

Dizem que os desgostos nascem de nós mesmos. Brotam, às vezes, não do fundo da alma, como pensam os psicanalistas e os homens de religião, mas da pele, da superfície de uma nevralgia, da unha encravada lembrando os arrependimentos cotidianos, os passos tortos. Dona Bayja chamava a gata de Chaninha, apenas. Nada original, mas pelo menos não via no bichano a escoliose dessa vida. Toda estimação tem seus limites.

A população de Arceburgo, cantinho das Minas Gerais, onde moro, reclama muito dos vira-latas. Parece que alguma cidade da redondeza adotou o estratagema de recolhê-los e, depois, presentear os vizinhos com a cachorrada. A ideia não é nova. Outros municípios fazem o mesmo com mendigos, propiciando-lhes passeio sem volta em cidades de clima mais aprazível, talvez. A consciência social é sentida na pele, de preferência em aragens mais distantes. Questão de faro, de tino administrativo. Política.

Gisele morreu, os cachorros andam soltos, muita vez acompanhando os mendigos, diga-se de passagem, perdidos em ambiente estranho. No entanto, a estranheza absoluta é uma forma irônica de familiaridade. Sem casa, alpendre ou terraço, os caramanchões dos jardins são iguais, as ruas têm sempre o mesmo nome de um desconhecido qualquer, como sonhava Mário de Andrade.

Um mendigo que morre no banco de um jardim de palmeiras imperiais morre em casa. Não sou hipócrita, porém, para dizer que morre melhor que meu tio. A fronteira da linguagem fica à flor da pele. Ao menos para os que passam frio na praça. Por aqui – penso no Brasil inteiro –, o cinismo ganhou requintes de um paisagismo tropical.

Diógenes de Sinope, aliás, foi a grande figura do Cinismo. A Escola, se é que assim pode ser designada, recebeu o nome, segundo alguns historiadores da filosofia, por causa da palavra cão. Os cínicos faziam gosto dela. Depreciavam as convenções sociais e viviam perambulando como cães. Ou mendigos.

O anedotário em relação à vida de Diógenes é vasto. Certa feita pediu para Alexandre, o Grande, sair da frente do seu sol. Na hora, os acólitos e asseclas que costumam acompanhar os politicões, aproveitando-se das muxibas do poder, pensaram que o descendente de Aquiles daria um pontapé naquele cachorro sem-vergonha. Espantaram-se. O Imperador teria adorado o desprendimento anticonvencional do filósofo mendigo. E mais. Perguntado quem gostaria de ser, caso não fosse Alexandre, teria respondido sem pestanejar: Diógenes.

Hoje os grandes, nem tão grandes assim, arrancam aos safanões os pequenos da frente de um sol bem particular, amealhado, dia e noite, à luz encoberta de negociatas cabeludas. Tapam o patrimônio com a peneira? Colocados em Kombis velhas, cachorros ou mendigos, tanto faz, são despejados nas madrugadas vazias de cidades vizinhas. Os tempos são mesmo outros. Azar o nosso. Azar de Gisele, a pobre gata da minha sogra. Sem nenhuma ironia, por favor.